



**NEONAZISMO NA INTERNET: RE-INTERPRETAÇÃO DOS SÍMBOLOS
NAZISTAS NO BRASIL**

ANANDA CONDE
MATRÍCULA: 2026385/2

BRASÍLIA
MAIO – 2006

ANANDA CONDE

**NEONAZISMO NA INTERNET: RE-INTERPRETAÇÃO DOS SÍMBOLOS
NAZISTAS NO BRASIL**

Monografia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais do Centro Universitário de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientador: Lara Amorim.

BRASÍLIA

2006

RESUMO

Neste trabalho são apresentadas as características dos regimes totalitários e as peculiaridades do Nazismo. Aborda-se também a formação ideológica desenvolvida pelo nacional-socialismo e a construção de um aparato simbólico, que sobrevive até os dias atuais, subsidiário das ações promovidas pelo regime nazista. Esta monografia avalia a atuação da Internet como um dos principais meios de comunicação do século XXI, tornando-se uma ferramenta de interação que permite a formação de grupos no Brasil que re-interpretam a ideologia construída pelo nazismo, transformando-se numa nova forma de disseminação de conteúdo de teor intolerante no espaço virtual.

Palavas-chave

Internet- grupos brasileiros- intolerância- ideologia nazista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1. AS CARACTERÍSTICAS DO FACISMO E AS PECULIARIDADES DO NAZISMO.....	4
1.1 O Imaginário nazista.....	7
1.2. A representação dos judeus na ideologia nazista.....	9
2. OS SÍMBOLOS E A CRIAÇÃO DO MITO NAZISTA.....	10
2.1. A simbologia do regime nazista.....	13
3. O NEONAZISMO E A RE-INTERPRETAÇÃO DOS SÍMBOLOS NAZISTAS.....	15
3.1. O Neonazismo no Brasil.....	19
3.1.1. Os diferentes grupos brasileiros.....	22
4. A INTERNET E EXEMPLOS DE ATUAÇÃO NEONAZISTA.....	24
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	35
ANEXOS.....	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho objetiva apresentar uma análise da ideologia nazista, na Internet e o novo espaço de socialização presente nela: o ciberespaço. Local de divulgação de ataques racistas contraditórios e sem embasamento, a Internet tem se tornado um dos principais meios de disseminação da ideologia neonazista, atualmente.

Uma vez constada essa nova forma de ódio incitado em um dos principais meios de comunicação do século XXI, por diversos grupos brasileiros, houve a preocupação de se realizar uma pesquisa sobre o desenvolvimento das ações de intolerância na Internet. Isso porque a ideologia nazista, mais do que qualquer outra ideologia totalitária extrapolou seu próprio contexto sócio-temporal.

O objetivo da pesquisa é compreender os motivos da sobrevivência da retórica nazista, por meio do ciberespaço. Além disso, o trabalho pretende apontar as inúmeras formas de interação no meio de comunicação, como os canais de relacionamento e fóruns, ferramentas que proporcionam, entre outras coisas, a propagação dos símbolos nazistas entre grupos de jovens, ações violentas e ofensas às minorias sociais historicamente discriminadas. Tudo por intermédio da análise da ideologia do Regime Nazista e sua configuração atual.

Como base para os estudos, os materiais de caráter neonazista presente na Internet, em *sites*, em fóruns e no *Orkut* serviram de parâmetro para analisar e apontar importância do meio de comunicação para a formação e disseminação desse tipo de conteúdo.

Para melhor compreensão das ações de intolerância no contexto brasileiro atual e uma abordagem teórica do tema problematizado, foram também pesquisadas as origens do regime nazista, o contexto sócio-histórico do nazismo, o desenvolvimento da ideologia na Alemanha e os símbolos criados por esta. Além disso, foram analisados dados sobre a formação do movimento *skinhead* na Inglaterra, a re-interpretação dos símbolos da ideologia nazista no Brasil.

Relevância

A Internet é o principal instrumento de disseminação da releitura nazista, no século XXI. É por meio dela que os grupos ganham força e novos adeptos.

O ciberespaço dissemina a disponibilidade de formas simbólicas no tempo e no espaço. Por isso é preciso analisar os elementos que compõem a releitura da retórica nazista dos dias atuais no Brasil.

Justificativa

Por se tratar de um regime político, que se caracterizou pelo forte apelo propagandista e o extermínio de inúmeras pessoas, é imprescindível a análise dos resquícios da ideologia utilizada pelo Nazismo. O trabalho procurará entender a sobrevivência de preceitos discriminatórios na Internet. A divulgação de conteúdo nazista que atinge diversos segmentos da realidade social brasileira, atualmente, é de tal forma importante que mobiliza todos os setores da sociedade, já sendo reconhecida como relevante nos noticiários locais e nacionais. E a Internet é o meio de comunicação mais requisitado, tanto para atuarem como divulgadores do conteúdo neonazista, como para denunciarem as ações dos mesmos no Brasil.

Objetivo Geral

Compreender os motivos da sobrevivência da ideologia nazista através dos meios de comunicação no Brasil, por intermédio da análise da retórica no Regime Nazista e sua configuração atual.

Objetivos específicos

- Estabelecer os mecanismos adotados pelo regime, que sobreviveram e ainda hoje atraem pessoas do mundo inteiro, em particular no Brasil.
- Analisar os conteúdos apresentados pelos grupos neonazistas e afins, que utilizam a Internet para se agruparem e re-significarem os signos nazistas.
- Explicar o que é o Neonazismo.
- Compreender como são a reeleitos e agrupados os signos nazistas na Internet.
- Identificar as diferenças entre a ideologia e a do Regime Nazista.
- Analisar a importância da Internet na releitura da ideologia nazista, no período atual.
- Apontar sites (sítios) neonazistas.

-Analisar o sentido que os indivíduos dão ao conteúdo nazista na Internet, para compreender como varia de acordo com a formação e as condições sociais de cada indivíduo.

Hipótese

A veiculação da retórica nazista, por meio de textos, manifestações musicais e culturais e agrupamentos humanos, sobrevive atualmente, por meio da Internet.

Metodologia

O estudo será desenvolvido por meio de pesquisa qualitativa, exploratória e explicativa, objetivando evidenciar o fenômeno social estudado. Será apoiada pela pesquisa bibliográfica de conteúdo relacionado ao assunto. As técnicas serão: coleta de dados, em grupos de apoio aos direitos humanos, em ONGs e em Lideranças políticas.

1 AS CARACTERÍSTICAS DO FACISMO E AS PECULIARIDADES DO NAZISMO

O nazismo não foi o único regime político totalitário que fez parte da história mundial do século passado. E também não foi o primeiro. Outros tantos surgiram com características semelhantes, em contextos diferentes, como o Facismo de Benito Mussoline, na Itália, precursor dessa nova era política. Nas palavras de Mussoline, o regime “abrange tudo; fora dele nenhum valor humano ou espiritual pode existir, muito menos ter valor”. Helena Salem, em *As Tribos do Mal*, explica que o termo criado na Itália excedeu o contexto social ao qual pertencia e ganhou novo sentido:

As palavras fascismo e fascista derivam do latim fascium, fascis, que significa feixe, fardo de lenha, punhado de varas. Mussoline e seus correligionários utilizaram o feixe de varas, os fascio (símbolo de força dos romanos e instrumento com o qual os culpados eram açoitados), como emblema do partido fundado por eles em 1919 (o plural de fascio, fasci, foi utilizado para designar os grupos de combate fascistas: os “fasci de combattimento”). Embora originária da Itália, a qualificação de fascista passou a abranger todos os movimentos autoritários (SALEM, 1995, p.22-23).

Segundo Umberto Eco, no ensaio designado *Facismo Eterno*, “o fascismo italiano foi a primeira ditadura que dominou um país europeu e que, em seguida, todos os movimentos análogos encontraram uma espécie de arquétipo embasado no de regime fascista de Mussoline” (Eco, 1998, p. 36-37). Eco denominou o arquétipo de Ur-Facismo ou Facismo Eterno, e atribuiu a ele 14 características: o culto à tradição; a recusa da modernidade; o culto da ação pela ação, porque a ação é bela e deve ser realizada; o desacordo como traição; o natural medo da diferença; apelo às classes frustradas; obsessão do complô; o sentimento de humilhação pela riqueza ostensiva e pela força do inimigo; a vida para a luta; o elitismo; o heroísmo; o machismo; o populismo qualitativo, onde um líder é o interprete da “vontade comum” do povo; e a neolíngua. Mas, além das características citadas, há um componente primordial para ascensão dos chamados regimes totalitários: a ideologia.

Entende-se ideologia como sendo “o processo pelo qual as idéias da classe dominante tornam-se idéias de todas as classes, tornam-se idéias dominantes” (Chauí, 2003). A autora cita que Friedch Engels e Karl Marx, na obra intitulada *Ideologia Alemã*, explicam que é por meio dessa dominação, que os dominadores, controladores do plano material, constituído pela economia, o social e o político, podem torná-las verdadeiras, universais,

controlando, assim, o plano espiritual. Isso porque a ideologia cria mecanismos para fundamentar as idéias ilusórias, justificando-se por meio de forças maiores, que explicam, por exemplo, o porquê da desigualdade. Ou seja, justifica padrões de dominação e subordinação, por meio de um fenômeno histórico-social, que cria a divisão social de classes, pressuposta pela economia.

Tais idéias são parte da abstração humana, do imaginário. Segundo Marilena Chauí, a classe dominante criadora pode tornar essas idéias as únicas aceitas. Nascem, geralmente, em situações que as legitimam. E aparecem como desprovidas dos interesses dominantes, para aparentar na consciência dos indivíduos como sendo comuns a todos. Mais do que isto, necessárias. Em suma, Marilena Chauí atribui ao termo o seguinte significado:

A ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer (CHAUÍ, 2003, p. 108).

Os regimes fascistas produziram “um sistema de crenças que explica e justifica uma ordem política preferida para a sociedade, seja existente ou proposta, e oferece uma estratégia (processos, arranjos institucionais, programas), para a sua consecução”, a chamada ideologia política (Chirstenson, 1974, p. 16). Tal ideologia tem o objetivo de buscar adeptos para a crença em premissas e, cria mecanismos para que estas sejam percebidas e interpretadas de maneira uniforme, para incitar uma ação organizada. Em cada lugar que esteve presente, porém, adquiriu simbologia e conteúdos peculiares. E a ideologia política dos regimes totalitários dita a conduta social e econômica, reestruturando não só a sociedade, mas, também, o indivíduo, por meio do controle da massa. Mais do que a política, os regimes totalitários controlam todos os âmbitos sociais, inclusive, o comportamento.

Todas as características do arquétipo fascista foram adotadas pelo nacional-socialismo, o nazismo, com maior ou menor incidência. Porém, desde a criação do Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), em 5 de janeiro de 1919, um atributo peculiar surgiu diferenciando o nazismo dos demais regimes fascistas que assolaram o mundo: a questão da raça. Segundo o autor do livro *Nazismo em Santa Catarina* (2000), Aluizio Batista de Amorim, quando, em Munique, o ferroviário Anton Dexler e o jornalista Karl Harrer fundaram o partido, a linha política empregada era voltada para o anti-semitismo, nacionalismo extremado e anticomunismo exacerbado. O conceito de raça foi acoplado às premissas ideológicas fascistas do nacional-socialismo com a entrada de Adolf Hitler.

Ex-cabo do Exército Imperial, Hitler foi designado pela polícia local de Baviera para investigar o recém-formado partido. Depois de acompanhar uma atividade partidária, em 12 de setembro de 1919, filiou-se ao Partido Nacional Socialista. Destacando-se nas reuniões, logo ganhou o cargo de propagandista oficial e iniciou, a partir daí, uma série de comícios, que destacaram ainda mais o caráter anti-semita partidário. Para ganhar o apelo das massas, Hitler mudou o nome do partido para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores (NSDAP). A palavra “nacional” recorre ao fortalecimento do Estado Alemão; o termo “socialismo” suscita revolução social; e a designação “trabalhadores” apela para a massa, a todos os trabalhadores alemães (AMORIM, 2000, p.41). Juntamente com a mudança, Hitler apresenta o caráter ideológico em formato de 25 teses, dispostas no programa político-econômico do partido. Segundo Amorim, citando a divisão elaborada pelo biógrafo de Hitler, John Toland, as 25 teses continham pontos para agradar o anseio de todos:

Para os patriotas, propunha-se a união de todos os alemães num reich maior. Para os operários, propunha-se que abolisse toda renda que não fosse resultado do trabalho. Para a classe média, falava-se na socialização imediata das grandes lojas de departamento, e em seu arrendamento, por quantias baratas, a pequenos negociantes; ‘no aumento generoso’ das verbas para propósitos de saúde e de assistência à velhice; para aqueles dotados de uma mentalidade de *völkisch* (regional, racista, popular) exigia-se que os judeus fossem tratados como estrangeiros, que lhes fosse negado o direito de ocupar qualquer função pública[...] (AMORIM, 2000, pg. 42).

A miséria e o desemprego se elevaram ainda mais no período anterior ao regime nazista, na chamada República de Weimar. Nesse quadro social de crise, qualquer ação contra o regime seria bem visto por várias camadas sociais, inclusive, a juventude. Foi justamente nesse período de dificuldade econômica que houve grande adesão de jovens ao nacional-socialismo.

Foi nesse período também que Hitler foi preso depois de uma tentativa de golpe de Estado contra a República de Weimar, e escreveu o que seria a cartilha de conduta do regime nazista: o livro *Mein Kampf* (*Minha Luta*). Na obra, o conceito de raça é um dos mais destacados e citados. Foi utilizado como instrumento ideológico tanto para unir a nação, como para destruir os inimigos. Aprovava, entre outras coisas, o direito dos fortes decidirem o destino dos fracos e inferiores. Foram incluídos como inimigos, deficientes físicos e mentais, negros, judeus, grupos étnicos, entre outros.

Como a ideologia cria mecanismos para justificar a ação discriminatória, no caso o extermínio humano, com o nazismo não foi diferente. A ciência foi à teórica utilizada pelos nazistas para dar crédito e veracidade aos atos de caráter intolerante. Foram compiladas teorias

sobre genética, as clamadas teorias eugenistas, para construírem a ideologia da superioridade ariana e, simultaneamente, a necessidade de extermínio dos inimigos degenerados do regime. Ultrapassou-se o plano da genética, para aprovar, por meio de base teórica, o racismo. Segundo os simpatizantes da eugenia, misturar raças boas com as ruins, interferiria na pureza da linhagem humana. E o termo “ruim” não se restringia aos judeus, mas abarcava todos os demais inimigos.

Na Alemanha do regime nazista, a teoria ultrapassou o plano das idéias e tornou-se realidade, por meio de políticas públicas e da propaganda ideológica. Utilizando-se da ciência, Hitler conseguiu angariar seguidores e voluntários, para a chamada “melhoria da humanidade”, objetivando a purificação da raça. Mais do que isto, a idéia era combater o possível responsável pela crise econômica que assolava a Alemanha: os judeus. Os nacional-socialistas justificaram a intolerância em relação aos inimigos como necessária para impedir o declínio de uma cultura à mistura das raças. Assim, “conservar o sangue e a raça puros é a tarefa mais sublime de uma nação, e para sua realização todos devem estar prontos para qualquer sacrifício. Esta teoria foi posta em prática na Alemanha e nos territórios ocupados pelos alemães através de toda espécie de perseguição aos judeus” (Reich, 2001, p.71).

Além de proibir, os nazistas apresentavam o que era proibido para conscientizar e controlar a massa. Esse é o conceito de manipulação que foi explicitado nos escritos de Hitler. Tratava-se da explicitação de uma ferramenta de método de controle social que ao mesmo tempo empolgasse as massas, mas também mostrasse a elas a força do movimento. Através do controle das massas, e por meio da manipulação, se criaria um instrumento político. E para que houvesse a manipulação, era preciso a sedução. E o instrumento político foi a propaganda.

1.1 O IMAGINÁRIO NAZISTA

Empregada para divulgação, conscientização e aplicação da ideologia nazista, a propaganda foi essencial para a construção do imaginário nacional-socialista. Foi a máquina protetora dos ideais de Hitler. Sem ela, era impossível entender o regime. A propaganda era responsável pela construção do imaginário, atribuindo sentido e nutrindo novas ações e idéias, ora acolhedoras, ora intimidadoras.

Essas diferenças na propaganda são vistas no decorrer do desenvolvimento do regime nazista. Na primeira fase, antes da tomada de poder em 1933, durante a República de Weimar, o intuito era conquistar novos membros para o partido, em todos os âmbitos sociais, incluindo até rivais políticos. Não havia conteúdo com teor violento ou radical. Os temas abordados eram o nacionalismo, a união, a transformação da Alemanha (DIEHL, 1996).

A segunda fase foi caracterizada pela solução final, onde a harmonia só seria validada com a luta e a destruição dos inimigos. A tática era transportar as ações mais violentas utilizadas pelo nazismo aos inimigos, ou seja, culpa-los pelas práticas mais graves cometidas pelas forças nacional-socialistas. A propaganda degenerava a imagem das minorias atacadas pelo regime, assimilando-as a questões negativas. Essa é a fase de implantação do sistema totalitário.

Para alcançar o máximo de pessoas possíveis, a ferramenta propagandista recorria aos principais anseios da população. “Por este motivo, a propaganda nacional-socialista era contraditória; seu conteúdo diferia conforme a classe que se dirigia” (Reich, 2001).

Mesmo com as diferentes abordagens bem trabalhadas durante todo o regime nazista, a propaganda nacional-socialista não foi totalmente inovadora. O nazismo buscou inspiração nos inimigos políticos do regime, o Partido Comunista Alemão (KDB), em características como a crença num líder, o agrupamento da massa, os desfiles paramilitares, e as cores. Assim, houve a apropriação dos símbolos do comunismo pelo Nazismo. No entanto, o nacional-socialismo conseguiu trabalhar os elementos apropriados, de uma forma mais ordenada, aprimorando a técnica. Os desfiles nazistas, por exemplo, passaram a ser simétricos, uniformizados, bem diferentes dos desfiles comunistas. Como o próprio Hitler afirmou, toda apropriação tinha o objetivo de esvaziar o conteúdo simbólico do inimigo, para enfraquece-lo:

Em pouco tempo aprendi uma coisa importante que consistia em tirar das mãos do inimigo as armas de defesa (...) Hoje orgulho-me de ter descoberto os meios não só de tornar a sua propaganda ineficiente como também de vencer os seus próprios líderes (HITLER, p. 208-209).

1.2 A REPRESENTAÇÃO DOS JUDEUS NA IDEOLOGIA NAZISTA

O ódio incitado contra os judeus é histórico, datado do Império Romano, durante a conversão dos romanos para o cristianismo. Por não abandonarem as práticas judaicas para aceitarem os ensinamentos cristãos para a salvação, os judeus passaram a ser vistos como inimigos durante séculos. Por isso, foram interpretados como egoístas interessados em bens materiais, destinados à inferioridade, pecaminosos por excelência.

Essa imagem negativa foi ampliada com a publicação dos *Protocolos Sábios de Sião*, obra sem autenticidade comprovada que, segundo Pinski e Pinski, contém textos apresentados como transcrições de atas e discursos proferidos por supostos membros de uma organização Judaica que pretendia dominar o mundo (Pinski, 2004, p.113). Esse material foi elaborado pela polícia czarista, como instrumento de propaganda anticomunista e anti-semita na Revolução Russa, em 1917. Na Alemanha, o material foi introduzido pelo ex-oficial czarista, Fyodor Vinberg, defensor do extermínio de todos os judeus.

Por meio do anti-semitismo, justificava-se a distribuição de renda e poder, e aliciavam-se as massas, para manutenção do *status-quo*. Mas o nazismo não se restringiu em combater aos judeus. Homossexuais, deficientes físicos ou indivíduos pertencentes a grupos étnicos ou a raciais foram perseguidos, porém, nenhum deles sofreu um ódio tão virulento quanto aquele destinado aos judeus. Contudo, o ódio do regime destinado aos judeus era o maior.

Na Alemanha, além de inimigos natos e conspiradores, os judeus passaram a ser apresentados como responsáveis pela crise econômica que afetava toda a população alemã. É importante ressaltar que essa imagem negativa associada aos judeus não se restringiu apenas ao regime nazista. Estava presente em inúmeros países. Umberto Eco exprime esse sentimento na seguinte frase: “quando eu era criança ensinavam-me que os ingleses eram o ‘povo das cinco refeições’; comiam mais frequentemente que os italianos, pobres, mas sóbrios. Os judeus são ricos e ajudam-se uns aos outros, graças a uma rede secreta mútua de assistência” (Eco, 1998, p.47).

2 OS SÍMBOLOS E A CRIAÇÃO DO MITO NAZISTA

O mito é basicamente a criação de uma história com intuito de explicar algo que o ser humano não compreende. Essa explicação é inerente à condição humana já que, desde os primórdios da humanidade, o homem elucida sobre os sentidos, o meio social e natural. Mas, o regime nazista foi pioneiro na utilização do mito como resposta para o extermínio humano, empregando um fator a mais: a ciência. É importante ressaltar essa característica, pois historicamente a comunidade científica criticava as histórias míticas, com toda experimentação e comprovação dos fatos. Já no caso do nacional-socialismo, a ciência deu o seu aval à ideologia criada pelo regime. Mas o que é o mito, afinal?

Se a ideologia é o conjunto de idéias que são criadas para prescrever como os indivíduos devem agir, pode-se chamá-la também de uma história criada para seduzir, no sentido de angariar simpatizantes. O mito funciona de forma semelhante, pois conta uma história a cerca de algo, com o objetivo de explicá-lo. A diferença é que enquanto a ideologia busca a ação, o mito busca a explicação. Para Everardo Rocha (1999), o mito “é uma forma das sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações” (Rocha, 1999, p.7). Ou seja, um equívoco, já que não há comprovação. Embora não sendo verdadeiro, o mito pode ser eficaz para ordenar uma sociedade. Foi o caso da história criada pelo nazismo. Assim, como o mito nazista trabalhava para que os elementos ideológicos e simbólicos estivessem presentes em todos os âmbitos sociais, muitas pessoas passaram a avaliar o modo de vida proposto pelo nazismo como o mais correto, o superior. Esse aspecto é um exemplo do revelado pelo conceito antropológico de etnocentrismo, explicado por Roque de Barros Laraia como sendo “a crença de que a própria sociedade é o centro da humanidade, ou mesmo a sua única expressão” (Laraia, 2000, p.79). Ou seja, a idéia de que os alemães da “raça ariana” seriam os indivíduos superiores é a idéia principal no regime nazista.

O nacional-socialismo criou, desde o começo, razões para explicar os atos extremos e violentos, como o extermínio dos judeus. A propaganda política foi o mecanismo escolhido para a disseminação da ideologia. Dentre as ferramentas utilizadas pela propaganda, a criação de histórias em formato cinematográfico foi a mais usada. Nos filmes eram apresentados, em forma de dramatização, os problemas sociais e econômicos que assolavam a Alemanha da época. Havia sempre a figura do vilão culpado pela crise presente no país, e do

herói líder e libertador, responsável pela salvação e reconstrução de um império, o Reich. Todas as histórias giravam em torno dos judeus, raça maléfica responsável pelo mal em várias ocasiões da história da humanidade. Ideologia sob o rótulo de documentário. A fórmula se repetia incessantemente, sempre com a mesma temática. Os outros vilões eram os comunistas, causadores do caos, assassinos, na maioria das vezes. O conteúdo oscilava entre o heroísmo da vítima nazista e a violência do inimigo. O *Eterno Judeu*, um dos filmes rodados pelo Ministério da Propaganda - órgão criado pelo Nazismo para criar peças cinematográficas, controlar a produção intelectual, e organizar o material didático de todas as escolas - foi apresentado como filme educativo quando, na verdade, não passou de uma sucessão de imagens criadas pelo ministério para reforçar a concepção de impureza dos judeus. Para isso foram utilizados efeitos como moscas na tela em volta dos judeus, para reforçar o conceito de impureza, de lixo, escória, e vários símbolos que suscitavam o caráter maléfico da “raça”.

Filmes como o *Triunfo da Vontade*, rodado no 4º Congresso do Partido Nazista em Nuremberg, e *Olympia*, rodado durante os jogos olímpicos de 1936, anteciparam as técnicas de linguagem comercial, hoje comuns na Televisão. Porém, na época que foram rodados, não havia a mesma estrutura televisa dos dias atuais e a linguagem usada pelos cineastas era outra. O regime utilizou-se das características de persuasão épica de impacto, onde as imagens dos grandes eventos - com os indivíduos dispostos como se fizessem parte de uma coreografia - eram mais destacadas que o próprio discurso nazista.

Tais imagens remetiam a batalha apocalíptica das histórias clássicas. A explicação para isso vem do culto ao Classicismo (movimento de valorização da Arte Clássica que preza a harmonia das formas) agregado à ideologia de Hitler. Percebe-se que a idéia de pureza abrangeu todos os âmbitos sociais e culturais, como a arte e arquitetura.

Uma das fontes inspiradoras para a construção do arsenal ideológico-simbólico foi o comunismo, regime considerado degenerado pelos nazistas, mas fonte de várias idéias de Hitler. Dele foram tomadas várias características como a cor vermelha, o apelo e mobilização de grandes massas, e a militarização da sociedade para a luta. Uma característica especial também empregada no comunismo marxista e que foi bastante importante para a base nazista foi o antigo mito escatológico da luta do bem contra o mal.

Se no comunismo existia o conflito do proletariado contra a burguesia, no nazismo o inimigo era outro, como já foi comentado. Assim, ambos os regimes criaram seus personagens míticos. No nazismo, o herói na luta apocalíptica era o ariano, aquele que deveria limpar o mundo da “imundice das raças inferiores”, mesmo que o resultado fosse o final

trágico. Enfim, foi criada uma história baseada em idéias racistas e totalitárias com o respaldo da ciência da época.

O nacional-socialismo foi, em suma, a criação de uma narrativa política onde o alemão integrante da raça ariana, o nobre, o superior, estava predestinado a salvar o mundo da impureza judaica e dos degenerados, ou seja, do mal. Para isso, portanto, deveria acontecer o extermínio em nome da pureza. Assim, toda violência seria justificada, para livrar o “bem” do “mal”. E para guiar os puros nesta batalha, havia o messias, o líder que iria conduzir os “superiores” à salvação da humanidade: Hitler.

O nazismo foi uma história de personagens antagônicos, cheia de símbolos, com todos os elementos das histórias do combate entre o bem e o mal. Para se remeter ao conceito de império, típico dos mitos clássicos, Hitler alegava que a Alemanha seria o centro do “reino ariano”, da beleza desprovida de degeneração, sem resquícios do elemento profano chamado judaísmo. Para viver no Reino deveria formar-se um novo homem, mais forte e perfeito, para a amplitude do novo mundo, do império. Um das áreas mais trabalhadas no nazismo foi a arquitetura, cuja estética lembrava a greco-romana. Tudo foi criado para suscitar a pureza e harmonia necessárias para um império, o heroísmo, a eternidade e, primordialmente, a força dos alemães. Os símbolos do nazismo estavam presentes nas grandiosas construções clássicas.

O arsenal simbólico nazista foi tão bem trabalhado que até hoje está presente no imaginário coletivo mundial, mesmo para os que desconhecem a história do regime. Os símbolos são mais conhecidos hoje que os fatos históricos políticos que os criaram.

2.1 A SIMBOLOGIA DO REGIME NAZISTA

Dentre os símbolos mais conhecidos criados pelo nazismo e reinterpretados nos dias de hoje, a suástica é o mais comum. Contudo, essa simbologia não foi criada, mas sim apropriada pelo nazismo. Para muitos indivíduos a suástica ficou marcada como uma criação nazista. Mas sua origem é datada de séculos anteriores. Foi utilizada por diversas culturas com significados diferentes. De acordo com Diehl, “provavelmente originária da Pérsia e da Índia, a suástica aparece na maior parte das culturas européias, dos gregos (para as quais representava o sol) aos antigos germânicos, onde adquire característica guerreira” (Diehl,

1996, p.107). Mais uma vez Hitler adaptou uma simbologia já existente à ideologia anti-semita do nazismo.

No nazismo a suástica ganha nova interpretação, com novas cores, incluindo o vermelho imitando o comunismo. O símbolo funcionou como um meio sedutor de atenuar o caráter doutrinário e de persuasão do regime. Deu uma certa “identidade” ao nazismo. Nos hinos nazistas é possível identificar tal constatação:

Nós somos o exército da suástica,
Erguei bem alto as bandeiras vermelhas,
Queremos abrir ao trabalhador alemão
O caminho que leva à liberdade (REICH, 2001, pg. 94).

Hitler deixou bem claro, em *Mein Kampf*, o caráter mítico-ideológico dos símbolos na sua história, inclusive a suástica: “como nacional-socialismo, vemos na nossa bandeira o nosso programa (...) Na suástica, a nossa missão de luta pela vitória do ariano e, pela mesma luta a vitória da idéia do trabalho criador que como sempre tem sido, sempre haverá de ser anti-semita”.

Outro símbolo integrante do nazismo é o próprio exército. A partir dele seria combatido o mal. No nacional-socialismo existiam as SS (*Sturm Abteilung*), as chamadas tropas de assalto, e as SA (*Schutz Staffel*), que significa tropa de proteção. E para reforçar o sentido de ordem e perfeição, foram adotados os uniformes. Inclusive, para fazer parte das duas milícias, havia uma seleção na qual eram escolhidos os que se aproximavam do conceito de perfeição ariana. Na verdade, o uso dos uniformes ocasionava a aceitação e, além disso, a opulência para os que vestiam, e provocava o medo naqueles que encontravam a força do exército nazista. E para mostrar a força de seus membros, eram agregadas as insígnias, as quais diferiam de acordo com o grau de importância na hierarquia nazista. A partir da entrada nas milícias, o soldado poderia se sacrificar pelo *führer* para tornar-se um herói.

Mas, os símbolos do exército nazista não se restringiam a seus membros. Até as crianças tinham que se uniformizar, para que aprendessem desde cedo a importância dos símbolos e da disciplina. Todos os membros da sociedade foram obrigados gradualmente a adotarem a uniformização. Uma forma de agregar valor, ou seja, um papel na sociedade. E os judeus não ficaram de fora dessa marcação. Cada um foi marcado de alguma forma, ou com uma estrela, ou com uma tatuagem de marcação numérica, para a identificação do “mal” que era intrínseco à “raça” a qual pertencia.

Além de uniformização, cada membro passou a se cumprimentar com a saudação hitlerista, que lembrava a saudação romana Ave César. Era uma característica militar

empregada no cotidiano, em todos âmbitos sociais. Uma ação doutrinária análoga aos gestos religiosos, uma maneira de demonstrar pertencimento ao nazismo. Essa característica mostrou como o nazismo passou a ser mais do que uma ideologia política. Passou a ser a própria sociedade alemã. A saudação *Heil Hitler*, era o código para demonstrar amor ao nacional-socialismo, atitude de respeito ao regime e ao superior.

Na história mítica e na a organização do nazismo, acima de tudo e de todos deveria haver um guia, um líder, uma força maior. Esse líder seria o responsável pela salvação e pela criação do império forte, o *füher*. E Hitler, nada modesto, seria o escolhido, o messias. Nesse aspecto, o caráter mítico escatológico foi mais explicitado, sem nenhuma dificuldade, porque Hitler nesse contexto seria o herói.

Para atingir a ordem no império, qualquer ação era justificável, inclusive, a violência. Aliás, a violência era inevitável para a destruição do inimigo. Segundo a ideologia, enquanto houver o mal, deveria utilizar-se ferramentas para o extermínio do mesmo. Daí, o princípio da xenofobia disseminado pelo mito.

Junto ao líder, foi criado um símbolo que correspondesse à figura do mesmo. O nazismo escolheu a águia. O regime nacional-socialista se apossou, novamente, de um símbolo presente em outras culturas, inclusive a germânica pré-nazista. Mesmo integrada em outras ocasiões históricas, a águia ganhou mais visibilidade na Alemanha nazista. Vista como divina, forte e vitoriosa, a águia é a imagem de como seria a Alemanha do III *Reich*. Além disso, ao mesmo tempo ela era vista como violenta e atemorizante. Ou seja, mais uma vez a presença do medo como ferramenta de propaganda para a adesão ao regime.

Por último, a bandeira é a concisão de todos os símbolos e da própria ideologia nazista. Nela foram encaixadas as cores e os principais símbolos, como a suástica e a águia. Mais do que isto, a bandeira potencializa a organização em torno do Reich. A obediência e a união em torno da perfeição e, acima de tudo, a proteção. Através dela os membros do nazismo se percebiam dentro de uma parte maior, única e protetora, independente da parte que pertenciam na hierarquia.

A história ideológica criada pelo nazismo saiu do viés político para atuar na vida social da Alemanha. Os símbolos nazistas eram onipresentes, sobretudo em ocasiões especiais: os comícios públicos, as concentrações de massa. Neles, além da potencialização dos símbolos, a presença da ordem e da disciplina era exacerbada. Todos eram guiados pelo *füher* Hitler. Eram nestas ocasiões que se podia comprovar a força do regime sobre a sociedade e a adesão dos indivíduos ao nazismo. Por isso, a frequência dos eventos era regular, para mostrar cada vez mais os preceitos ideológicos do regime, como a beleza e

esplendor dos seus seguidores. Aconteciam por qualquer motivo. Tudo para que os meios de comunicação, que eram controlados pelo nacional-socialismo, relatassem a organização megalomaniaca criada por Hitler. Nas concentrações poderiam ser captadas as imagens para os filmes, poderiam ser feitos a apresentação dos hinos e dos próprios símbolos, e novos seguidores que eram encorajados, envolvidos pelo espetáculo criado pelas ocasiões. Tudo era calculado para disseminar os símbolos e fortalecer a ideologia. A disposição dos membros do regime nazista demonstrava uma coordenação organizada, enfim, um espetáculo. Quem não fazia parte, ao ver a “beleza” do espetáculo, desejava pertencer ao regime, ou seja, passaram a buscar identificação na sociedade nazista.

3 O NEONAZISMO E A RE-INTERPRETAÇÃO DOS SÍMBOLOS NAZISTAS

A sombra do nazismo ronda, ainda hoje, vários países, inclusive o Brasil. Passados mais de 60 anos, o nacional-socialismo sobreviveu à sua derrocada, mesmo com a derrota do nazismo na Segunda Guerra Mundial e com a destruição de inúmeros símbolos situados nas grandes cidades da Alemanha, já que muitas cidades foram dizimadas. Os símbolos e outros elementos da ideologia nacional-socialista foram resgatados, por meio dos grupos denominados neonazistas. Mais do que um resgate houve uma re-interpretação. Tais grupos utilizam a carga ideológica do nazismo para a disseminação de violência e racismo.

As primeiras aparições de gangues neonazistas foram em Londres, nos anos 70, dentro do movimento apelidado de *skinhead*. Na verdade, os *skins* surgiram como uma evolução dos chamados *mods* (abreviação de “modernists”), jovens “bem vestidos, em suas lambretas” (COSTA, 2000, p.25). Os *mods* tornaram-se, no início da década de 60, os principais “diabos populares” da sociedade britânica, juntamente com os *rockers* “que ostentavam, orgulhosos, seus blusões de couro”, baseando-se no estilo dos motoqueiros americanos chamados *Hell’s Angels*, e os *teddy-boys*.

Na segunda metade do século XX, o desenvolvimento econômico foi retomado em alguns países da Europa, como a Inglaterra. Assim, houve uma queda considerável da taxa de desemprego, aumentado o bem-estar e o poder aquisitivo dos jovens. O padrão de vida da classe operária foi beneficiado, estimulando e criando-se novos mercados e produtos. Os

jovens trabalhadores passaram a gastar mais em mercados que não existiam nas gerações de jovens anteriores, como no mercado de bens culturais segmentados para a juventude.

A proliferação dessas gangues foi influenciada pelo “consumo de massa” que, de acordo com Edgar Morin (1997) foi produzido segundo as normas maciças da fabricação industrial, propagado pelos chamados mass media, destinado a uma massa social e criou inúmeros produtos para diferenciação dos jovens, tais como locais, roupas, entre outras coisas. Assim, surgiu a produção cultural criada para um público de massa. Segundo Morin, “ela é produzida industrialmente, distribuída no mercado de consumo, registrando-se principalmente no lazer moderno”, e ainda:

A cultura de massa arremata a cristalização da nova classe de idade adolescente, fornece-lhes heróis, modelos, panóplias. Ao mesmo tempo, tende a enfraquecer as arestas, atrofiar as virulências [...] As relações de projeção-identificação entre a adolescência e a cultura de massa funcionam de maneira menos ordenada do que para os adultos: enquanto para os adultos o mundo da gang, da liberdade, do homicídio são pacíficas evasões projetivas, esses temas podem tornar-se modelos de conduta para os adolescentes (MORIN, 1997, pg.156).

Assim, nesse contexto de inserção de novas necessidades produzidas pelo mercado, houve também busca pela diferenciação por parte dos jovens. As gangues foram a resposta para a “projeção-identificação”, comentada por Morin. Diferenciavam através das roupas, da música, dos filmes, dos cortes de cabelo, por comportamentos niilistas, de transgressão dos padrões sociais vigentes.

Juntamente com a carga estética, marcada pelas roupas e acessórios, estavam as lutas entre as gangues. Os jovens, em geral, eram agressivos e violentos. O embate entre as gangues foi um elemento bastante difundido e explorado pelos meios de comunicação, atraindo cada vez mais membros, que ficavam fascinados com a ação violenta dos jovens.

Em meio ao surgimento dessas novas formas de cultura, apareceram os *skinheads*. O nome traduzido é literalmente cabeças raspadas. Surgiram em resposta à crise que sujeitou a modernização da indústria na Grã-Bretanha. Ou seja, nasceram em um contexto diferente do contexto das gangues antecessoras que surgiram no período pós-guerra, durante a retomada do desenvolvimento econômico. O contexto social e a crise econômica dessa época eram semelhantes ao contexto da Alemanha, durante a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, que resultou em desemprego e abalou a economia e a sociedade alemã.

Enquanto os *mods*, possíveis antecessores do movimento *skinhead*, buscavam ascensão social, os *skins* apresentavam-se como proletariados. Viviam no subúrbio, em

bairros da periferia, e se vestiam como operários: botas, calças de trabalho, suspensórios e jaquetas. De acordo com Márcia Regina da Costa, “os *skinheads* assumiam-se como proletários que sofriam as agruras da crise econômica, como parte de um grupo cuja possibilidade de ascensão era negada na prática, afirmando orgulhosamente suas origens” (Costa, 2000, p.27-28).

O movimento era uma resposta à globalização. Para os *skins* era preciso preservar a identidade, e fortalecer o sentimento de pertencimento que estava abalado diante das inúmeras culturas que imigravam para a Inglaterra. Por isso, alguns dos *skins* adotaram postura de extrema-direita e nazista para interpretar os possíveis inimigos, e buscar a unidade social, originando o neonazismo. Segundo os pesquisadores Jaime e Carla Pinsk, “o termo resulta da composição da palavra grega *neos* (novo, revivido) e da grafia fonética das duas primeiras sílabas de *Nationalsozialist*” (Pinsk, 2004, p. 134). Mas, é importante ressaltar que nem todos os *skinheads* eram neonazistas. Muitos grupos descendentes do movimento, como os *redskins* e os *skakins*, assumiram posturas anti-racistas.

Na verdade, o movimento era contraditório desde o começo, porque ao mesmo que identificavam os imigrantes como os culpados da crise social e do crescente desemprego, os *skinheads* adotaram elementos da cultura negra dos imigrantes como a música. Assim, é possível notar que o movimento era heterogêneo. Nem todos os membros compartilhavam dos mesmos inimigos.

Paralelamente aos *skinheads*, surgiram os *hippies*, jovens oriundos da classe média que buscavam renovação social, o fim da violência, e acreditavam que o uso das drogas servia como canal para a transformação interior, eram adeptos da liberdade sexual, da aceitavam o homossexualismo, a fuga da cidade e da busca pelo refúgio campestre, negando-se as condutas morais burguesas. O *Rock n’roll* era o meio de expressão dos anseios dos *hippies*. A contracultura – uma oposição à cultura da época- surgiu nesse contexto. Os *skinheads* faziam oposição à ideologia hippie, identificando-os como jovens burgueses drogados.

Além dos *hippies*, surgiram os *punks*, jovens providos da mesma base social dos *skins*, caracterizados pelo visual rebelde com intuito de chocar a sociedade inglesa e por uma postura política não declarada voltada para o anarquismo e pela luta contra a sociedade de consumo. Em inglês o termo *punk* pode significar lixo, podre e imundo, ou estopim. O movimento desenvolveu-se inicialmente a partir da música. Os jovens suburbanos, insatisfeitos com o rock que se afastava de sua realidade, viram no novo rock *punk*, criado

pelo empresário Malcolm McLaren, com a banda *Sex Pistols*, uma nova possibilidade de identificação.

Mas, progressivamente o movimento e sua música foram agregados pelos interesses comerciais, por meio do *new wave*, tipo de *punk-rock* “mais digerível”. Além da música, o próprio visual passou a ser comercializado, com a criação de lojas de roupas e acessórios foram criadas.

No início da década de 80, em reação a esse processo de comercialização do *punk*, surgiu o *Oi!* (gíria suburbana *cockney*, semelhante ao oi brasileiro), movimento de bandas para reunir *punks*, *skinheads* e os jovens suburbanos. É a retomada do *punk*.

No final dos anos 70, embates violentos entre bandas *punks* e bandas de extrema-direita racista eram cada vez mais freqüentes. Segundo Maria Regina Costa, foi nesse período que vários *skins* aproximaram de uma ideologia política, a do nazismo nazista, que até então não era tão perceptível:

A vinculação dos skins à extrema-direita está relacionada ao surgimento, por volta de 1975/1976, dos novos skinheads, que, além de reafirmarem os valores e características dos “velhos”, acabaram também por ampliá-los. Passando a se tatuar com a suástica nazista e a fazer o “Heil Hitler” em público, os “novos” skins acabaram por assumir que estava ausente no passado (COSTA, 2000, p.36).

Surgiu então o neonazismo. Segundo os pesquisadores Pinski e Pinski, “o termo resulta da composição da palavra grega *neos* (novo, revivido) e da grafia fonética das duas primeiras sílabas de *Nationalsozialist*” (Pinski, 2004, p. 134). Essa busca pelo agrupamento, exemplificada pelas gangues inglesas, é explicada por Michel Maffessoli, como uma tendência humana que ele chama de tribalismo:

Se a tribo é o penhor da solidariedade, é também a possibilidade de controle, e ela pode ser também, a fonte do racismo. O tribalismo está impregnado cada vez mais aos modos de vida [...] que vão privilegiar cada vez mais a aparência e a forma (MAFFESOLI, 1998, p. 138-139).

Assim, os jovens da época, para buscarem identificação e justificação dos atos violentos, revivendo os ideais nazistas. Para combaterem a globalização e criarem uma pseudo-impressão de pertencimento a um grupo social comum, que Maffessoli (1998) identifica como característica dos membros das tribos, os *skinheads* aderiram à extrema-direita, ao nacionalismo chauvinista, e combate a inimigo: os imigrantes. Ou seja, a intolerância foi um dos motivos para a o tribalismo formado pelos *skinheads*. Segundo Pinski e Pinski, “num ato de solidariedade negativa, esses marginalizados procuraram proteger seus

territórios particulares, abalados com o processo de globalização do mundo contemporâneo” (PINSK, 2004, p.136). E para se reconhecerem entre si e se apresentarem à sociedade, aderiram aos símbolos nazistas, por meio de uma nova roupagem, de um novo contexto.

3.1 O NEONAZISMO NO BRASIL

O contexto social brasileiro é bem diferente do inglês e do alemão, do início do século XX. Isso porque a cultura nacional é heterogênea, caracterizada por um sincretismo de elementos indígenas, europeus e africanos. A extensão territorial é imensa, proporcionando diferenças regionais. Assim, a implementação do neonazismo no Brasil é um tanto peculiar.

O papel dos meios de comunicação foi primordial para adesão de simpatizantes e membros no país. Foi por meio deles que os jovens passaram a conhecer os embates violentos que aconteciam na Europa e informações sobre as gangues. Mas, o movimento *skinhead* era ainda desconhecido, sendo na maioria das vezes confundido com o movimento punk. Por isso, o processo de identificação com o movimento *skinhead*, passou, primeiramente, pelos *punks*. Isso porque o perfil dos membros dos movimentos eram muito semelhantes. Segundo a pesquisadora Helena Salem, “na realidade, um mesmo caldo social e cultural deu origem a *punks* e *skins*, possibilitando o seu desdobramento natural: muitos punks tornaram-se *skins*” (Salem, 1995, p.39).

No final da década de 70 apareceram os primeiros *punks*, em São Paulo. Como na Inglaterra, o movimento começou nos subúrbios, em áreas industriais. A imprensa passou a noticiar o movimento *punk* europeu e as primeiras manifestações no Brasil. Começaram a noticiar também, a ligação de membros do movimento à extrema-direita, mas sem citar os *skinheads*. Nesse período a imprensa ainda tende a confundir e misturar tendências e movimentos.

A criação do *new wave* e a incorporação do punk pela moda, ou seja, pelo mercado, foi outra questão difundida pelos meios de comunicação. Assim, ambas as facetas do movimento *punk* eram apresentadas pelos jornais, aumentando consideravelmente a adesão dos jovens ao movimento no Brasil. Contudo, mesmo com a crescente divulgação do material *punk*, a imprensa era descrente em relação à inserção do movimento no contexto brasileiro, já que a realidade nacional era bem diferente da realidade inglesa.

Mas, logo essa constatação foi superada. Muitos jovens suburbanos passaram a mostrar interesse pelo movimento, o que ocasionou a crescente produção de matérias extensas sobre o tema e produções jornalísticas especializadas, como revistas e fanzines.

Além da origem suburbana do movimento na Inglaterra, o comportamento violento e a agressão aos padrões burgueses atraíram muitos jovens suburbanos brasileiros, já que eles também não eram retratados pela mídia e eram excluídos da sociedade (a invisibilidade social que atinge as camadas mais suburbanas brasileiras).

Simultaneamente à adesão das camadas suburbanas ao movimento, líderes de grupos *punks*, formados por jovens de classe média (os chamados *punks da city*), que viviam nas áreas metropolitanas de São Paulo, começaram um debate por meio dos jornais, revistas e *fanzines* para promover a reunião dos punks em torno de um só movimento. Essa reunião tornou-se contraditória, pois se chocava com o caráter anárquico do movimento, sem regras, sem normas. Por isso, muitos *punks* do subúrbio de São Paulo começaram criar uma divisão mais violenta dentro do movimento.

Assim, a confusão entre os movimento foi se desfazendo ao longo dos anos 80, quando os membros do subúrbio começaram a se fortalecer como uma ala radical do *punk*, em oposição a adesão do *new wave* e da comercialização do movimento que cresce nas zonas metropolitanas da cidade. Mas os *skinheads* ainda não surgiam como movimento. Começou, apenas, uma diferenciação entre os *punks* da cidade e os *punks* do subúrbio. A pesquisadora Márcia Regina da Costa traça a distinção crescente entre os grupos:

Pode-se dizer que, mais ou menos em 1981, começou a acorrer uma diferenciação entre os *punks* do ABC e os da Zona Leste, de um lado e, de outro, os *punks* da cidade, ou da city. As características do ABC e da Zona Leste eram as gangues com um forte individualismo, um niilismo e violência. Já os punks da cidade, mais ou menos em sintonia com as transformações do *punk* no cenário internacional, através da atuação de suas bandas e da realização de shows, centram-se na construção na idéia de construir um movimento baseando-se na idéia de anarquia, não em sua vertente de destruição popularizada pelos “Sex Pistols”, mas na construção de uma nova sociedade e com ligações com propostas e concepções defendidas pelos anarquistas (COSTA, 2000, p. 67-68).

Em meados da década de 80 alguns *punks* do subúrbio passaram a engajar-se junto as *punks* da cidade na teorização do movimento, para desmistificar a interpretação errônea do Anarquismo. Para isso, começaram a ler teóricos anarquistas. Foi o período de paz entre os grupos. Nesse período de pacifismo, produtos que circulavam apenas em certos grupos passaram a circular com mais liberdade por todos os grupos, beneficiando empresários e muitas bandas, que puderam divulgar o trabalho por todos os lugares, sem restrição. Mas,

logo voltaram os ataques começaram, quando os *punks* da Zona Leste e do ABC começaram acusar os *punks* da cidade de aderirem ao *new wave* e à mídia. Já os *punks* da cidade acusavam os punks da Zona Leste e ABC de vândalos e bárbaros. Nesse período os meios de comunicação passaram a perceber a amplitude do movimento e o potencial perigo das lutas entre as gangues. Antes disso, a mídia percebia os punks como inofensivos.

Nesse mesmo período, alguns membros do movimento começaram a mostrar uma conscientização teórica do anarquismo. Segundo Salem, “eram os *anarcopunks*, a vertente mais intelectualizada do movimento que, entre outras coisas, criou o Círculo de Estudos Libertários, com reuniões no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro”. (Salem, 1995, p.40). Nesse período, a ideologia punk já havia sido difundida nacionalmente, com adeptos em várias cidades, mas, principalmente, em São Paulo e Rio de Janeiro. Paralelamente, alguns membros da Zona Leste e ABC paulista assumiam a denominação “carecas do subúrbio”, como um movimento de oposição e combate aos traidores do movimento *punk*. Segundo Maria Regina da Costa, os carecas do subúrbio eram a oposição daquela “parcela de punks que passaram a assumir uma linguagem mais teorizada, de negação à violência, menos ‘radicais’ e, portanto, mais ‘digeríveis’ para o conjunto da população” (COSTA, 2000, p. 70).

Progressivamente, e, os carecas do subúrbio buscaram identificação em muitas das idéias *skinheads* importadas da Inglaterra, como o nacionalismo exacerbado e a violência, já que para eles alguns punks eram alienados e estavam incorporados ao sistema. Criaram um estilo de vida próprio, baseado no narcisismo, no culto ao corpo, afastando-se gradativamente do movimento punk. Muitos *fanzines* identificavam os punks como marginalizados, drogados, enquanto, os *skins* eram retratados como jovens trabalhadores.

O movimento surgiu em condições semelhantes à dos *skinheads* ingleses. Segundo Salem, “o movimento começou nos subúrbios de São Paulo e na região industrial do ABC - ou seja, a mesma base social proletária e marginalizada de seus similares britânicos” (Salem, 1995, p.38). A partir de 1986, expandiram-se pelo Rio de Janeiro e Estados do Sul.

Mas, o movimento nunca foi unificado. Isso porque em cada região do país havia diferentes inimigos, assim como, características peculiares. Isso gerou a formação de vários grupos independentes, que se assemelhavam em algumas características, mas eram destoantes em outras. As diferenças entre os grupos como as formas de ação a interpretação ideológica acentuaram-se ocasionando a criação de facções e subgrupos.

Os grupos apresentam contradições no discurso adotado. Isso porque muitos dos membros dos grupos neonazistas desconheciam (e ainda desconhecem) a própria base teórica

nazista, se atendo apenas à simbologia do regime como, por exemplo, a suástica. Segundo o diretor do Centro de Pesquisa sobre o Anti-semitismo da Universidade Técnica de Berlim, o professor Wolfagng Benz, o analisar as manifestações neonazistas no Brasil, para o site Deutsche Welle, muitos das pessoas se agregaram aos grupos neonazistas sem terem noção do tema. Para Wolfagng Benz, não há explicação racional pra o fascínio desses jovens às idéias nacional-socialistas. A maioria desses novos grupos revive antigos problemas, como o racismo, adaptando aos novos contextos.

3.1.1 Os diferentes grupos brasileiros

No Brasil, vários grupos neonazistas e neofascistas se formaram com diferenças na ideologia adotada por cada grupo. A retomada dos símbolos e dos ideais nazistas foi responsável pela propagação de ações em várias cidades brasileiras.

Os grupos comeram a crescer e ganhar visibilidade por causa dos meios de comunicação. Agiam há mais de três anos, mas praticamente só eram conhecidos dos proprietários e freqüentadores de casas noturnas. Quando a imprensa começou a repercutir as ações de vários grupos, houve o crescimento das atividades neonazistas no Brasil.

No Brasil, vários grupos seguiram tendências diferentes. Por isso, o movimento neonazista brasileiro apresentou, desde o começo, múltiplos grupos que divergiam entre si, demonstrando a falta de unidade entre as ramificações. Mas todos se apresentam como vítimas da sociedade, e identificam inimigos e culpados. A diferença é cada grupo escolhe seu “bode-expiatório”.

Segundo levantamento realizado por Helena Salem (1995), existem no Brasil cerca de 12 grupos neonazistas diferentes. Cada qual possui origens diferentes. Alguns se intitulam herdeiros do Integralismo de Plínio Salgado; outros buscam apoio na ideologia do nazismo e do fascismo de Benito Mussolini. Os principais grupos neonazistas são os *Carecas do Subúrbio*, os *Carecas do ABC*, os *White Power*, o *Partido Nacionalista Revolucionário Brasileiro (PNRB)*, os *Carecas do Brasil*, a *Juventude Nacional Socialista*, o *Movimento Participativo Nacionalista Social*, entre outros.

Segundo informações compiladas de várias fontes de pesquisa, como reportagens de jornais e revistas, artigos e trabalhos científicos, os *Carecas do Subúrbio* se organizaram no final da década de 70, como dissidentes do movimento punk. São nacionalistas, criticam a

presença de empresas estrangeiras no país e discriminam homossexuais, judeus e dependentes químicos. Cultuam a bandeira nacional. Aceitam mulheres no grupo e minorias, como negros e nordestinos. São violentos e andam armados. A maioria dos integrantes do grupo vive na Zona Leste de São Paulo. No Rio há uma facção do grupo, denominada *Carecas do Rio de Janeiro* ou *Carecas do Brasil*. O grupo carioca foi responsável pelos atos de vandalismo no show da banda norte-americana *Ramones*, na casa de espetáculos Canecão, em 23 de setembro de 1992. O show teve que ser interrompido.

Com a cisão no movimento *Carecas do Subúrbio*, surgiram vários outros grupos. Entre eles, os *Carecas do ABC*. Estes são mais organizados e violentos. Não usam armas, mas utilizam a força física. Por isso, praticam artes marciais. Seguem uma hierarquia semelhante à militar, com “soldados e “generais“. Ao contrário dos *Carecas do Subúrbio*, não aceitam mulheres no grupo.

Já os *White Power* são um grupo mais articulado internacionalmente, com vários membros no Brasil. Também foi criado a partir de um racha do movimento *Carecas do Subúrbio*, em 1989. São mais violentos que os demais grupos. Seus membros são oriundos da classe média da região metropolitana de São Paulo. Segundo Helena Salem, o grupo “defende a separação da região Sudeste do restante do país, cultuando em São Paulo ideais separatistas da Revolução de 1932; prega a violência como forma de coação, adota a suástica como símbolo e edita fanzines como transcrição de livros anti-semitas” (Salem, 1995, p.47). Além disso, repudiam homossexuais, negros, judeus e nordestinos. Dois *fanzines* produzidos pelo grupo, *Raça e Pátria* e *Orgulho Paulista*, apresentavam em seus editoriais o orgulho de serem brancos e orgulho de serem descendentes de europeus. O primeiro número de *Raça e Pátria*, de junho de 1989, tinham os seguintes dizeres: “o imigrante nordestino/nortista somente atrasa nosso lado, FORA NORDESTINOS, essas terras são nossas!!!” (Salem, 1995, p.49). Mas, as atividades do grupo não se restringem somente às revistas e fanzines. Segundo reportagem da revista *ÉPOCA*¹, “em setembro de 1992 um grupo autodenominado *White Powers* pichou a Rádio Atual e o clube Forrobodó. Pediam a morte dos nordestinos. A programação da rádio é dirigida aos imigrantes”. Como os *Carecas do Subúrbio*, admitem mulheres no grupo. A estética do grupo é baseada e inspirada nos símbolos nazistas. Matem contatos com grupos direitistas da Europa, com a *Ku Klux Klan*, grupo norte-americano racista, e com o Partido Nacionalista Revolucionário Brasileiro (PNRB), fundado pelo ex-oficial da Marinha Mercadante, Armando Zanine Teixeira Jr., em 1988.

¹ BARENBEIN, Daniel Benjamin. **Do nacional socialismo de Goebbels ao neonazismo na internet**. Disponível em: < <http://www.varsovia.jor.br> >. Acesso em: 25 de mar. De 2006

Originalmente, o nome do partido era Partido Nacional-Socialista Brasileiro (PNSB). As bases políticas e ideológicas do partido eram inspiradas no nacionalismo xenóforo e no anti-semitismo. O partido nunca conseguiu registrar-se. Porém, mantém as ações de forma indireta, por meio de conteúdo ideológico em revistas e outros meios de comunicação, pois não é legalizado. É um partido contraditório, pois, segundo Helena Salem, “repudia os *skinheads* como violentos, mas tem em suas fileiras alguns carecas”.(Salem, 1995, p.48).

Outro movimento de teor nazista é a Juventude Nacional Socialista, formada por jovens do Sul do país. Semelhante à eles é o Movimento Participativo Nacionalista Social (Parnaso), de São Paulo. Ambos buscam amparo no programa político elabora por Hitler. Os membros do Parnaso acreditam que o Holocausto foi uma farsa. Adaptaram e re-interpretaram a suástica nazista. Segundo Helena Salem, os fundadores do Parnaso são:

O ex-candidato a vereador paulista pelo Partido Democrata-Cristão, Jorge Calibi, codinome do vigilante Jorge Francisco da Silva, o advogado Anésio de Lara Campos e Rubens Molina - esse último, uma espécie de “mago” do grupo, partidário da abstinência de relações sexuais e da masturbação como forma de economizar a energia contida no esperma que, revertida ao cérebro, poderá tornar as pessoas mais inteligentes e capazes (SALEM, 1995, p.49).

O advogado Anésio de Lara Campos participa também da União Nacionalista Cristã, grupo que pretende fazer uma releitura da História do Brasil, o chamado revisionismo histórico.

Esses e muitos grupos se expandem e ganham novos adeptos, por meio de várias ferramentas: fabricação e distribuição de cartazes, publicações *fanzines*, livros, comemorações de datas especiais do nazismo, etc. Atualmente tais grupos se articulam entre si e internacionalmente através da rede mundial de computadores, a Internet. Como não existe uma legislação eficiente para combater a proliferação de *sites* com conteúdo neonazista, os grupos aderiram a um ativismo on-line.

4 A INTERNET E EXEMPLOS DE ATUAÇÃO NEONAZISTA

O esboço da Internet, abreviação de *Inter Networkin*, ou seja, a interligação de redes locais, conexas, distantes entre si, nasceu em 1969, no período de conflitos políticos que

resultaram na Guerra Fria. Inicialmente foi empregada como ferramenta militar subsidiária do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Na verdade, surgiu dentro da ARPANET, projeto desenvolvido pela ARPA (*Advanced Research and Projects Agency*), que significa Agência de Pesquisas em Projetos Avançados, uma empresa ligada ao próprio Departamento de Defesa responsável pelas pesquisas no campo tecnológico.

A ARPANET foi criada com intuito de ligar em rede os departamentos de pesquisa do governo juntamente às bases militares. O objetivo era descentralizar as informações, uma tática para prevenir a perda de pesquisa em prováveis ataques nucleares. Assim, era possível promover comunicação entre as bases sem correr o risco de perder dados e pesquisas já que os computadores eram interconectados, mas independentes um do outro. Ou seja, não haveria prejuízo de informação se houvesse destruição de qualquer parte integrante da rede, pois não havia um único centro responsável pelo armazenamento de todos os dados. Na década de 90, foi criada a *World Wide Web* (mais conhecida como Web ou WWW) o que possibilitou o avanço de uma larga infra-estrutura de informação.

A facilidade de comunicação à distância despertou, posteriormente, os interesses de diversos pesquisadores e das próprias Universidades norte-americanas. Logo, o meio de comunicação saiu de um grupo restrito constituído por pessoas autorizadas e foi disseminado para o mundo. Isso porque foi percebido o potencial do novo meio de comunicação, já que o mesmo possibilita a transferência de arquivos, troca de mensagens, independente da distância geográfica. Segundo Pierre Levy esses são alguns dos pontos positivos da Internet: “de fato, várias pessoas geograficamente dispersas podem alimentar simultaneamente uma base de dados por meio de gestos, em retorno, receber delas informações sensoriais” (LEVY, 1999, p.105).

A década de 90 foi crucial para difusão do meio pelo mundo porque nesse período houve o aumento de informação e conteúdo disponibilizado por causa da diminuição de custos de acesso ao meio.

Depois desse processo de difusão, a internet foi crescendo exponencialmente. Adquiriu nova faceta e novos usuários. Paralelamente ao crescimento da nova ferramenta de comunicação, vários usuários perceberam o poder proporcionado pela Internet. Além de um meio de comunicação social, a Internet criou novas formas de interação, uma nova forma sociabilidade.

A nova tecnologia proporcionou a criação de espaços para que indivíduos desconhecidos e distantes geograficamente e culturalmente mantenham ligação entre si, porque a Internet não possui limites territoriais definidos ou tradicionais. Segundo o jornalista André Lemos, “talvez estejamos buscando, pelas novas tecnologias, uma nova forma de agregação social, eletrônica, efêmera e planetária” (Lemos, 2002, p.94). Ou seja, uma sociabilidade adquirida no ciberespaço.

Assim, várias pessoas desconhecidas podem se reunir com outras pessoas que compartilham os mesmos ideais, organizando-se em grupos no novo campo de debate: o ciberespaço.

A palavra "ciberespaço" (uma junção de cibernético com espaço) apareceu pela primeira vez, em 1984, no livro "*Neuromancer*", do escritor canadense de ficção científica William Gibson, referindo-se a uma rede de computadores futurista, utilizada conectando-se a mente humana diretamente a ela. Essa rede estaria em um mundo virtual, não tangível, paradoxal. O mundo virtual seria integrante da Internet, e não sinônimo desta. Pierre Levy define o ciberespaço como “um espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores” (Levy, 1999, p.92), ou seja, a Internet. É nesse espaço que se oferecem novos objetos de interação e formação de grupos e a constituição de comunidades virtuais.

O termo virtual vem do latim *virtualis*, derivado de *virtus*, que significa força e potência. Segundo Levy, “virtual significa a pura e simples ausência de existência, a ‘realidade’ que supõe uma efetuação material, uma presença tangível” (LEVY, 1996, p. 15). Assim, surge um novo campo de interação heterogêneo e fragmentado que propicia a comunicação entre indivíduos distantes, que partilham das mesmas idéias e anseios, sem que seja preciso o convívio social entre as partes, ou seja, a presença material e física dos participantes que se interagem entre si.

Nesse novo contexto de ação, de produção e recepção, os grupos neonazistas se organizam e ganham novos adeptos. A partir do ciberespaço, os grupos planejam ações e disseminam os símbolos nazistas, com o esvaziamento do sentido original criado pelo regime nacional-socialista. Isso porque o ciberespaço possibilita a criação de novas formas de organização e novos espaços simbólicos. Segundo o jornalista Daniel Benjamin Barenbein, a internet é o novo instrumento de ação e propagação dos neonazistas:

Agora praticamente 60 anos depois, jovens radicais, que querem empunhar alguma bandeira, chupam as idéias, e aliados a uma poderosa ferramenta de comunicação - talvez a maior de todas depois do telefone - inventada neste fim de século, espalham o neonazismo pelo mundo; com páginas e páginas de informação e de teorias políticas e sociais para quem quiser conhecer e juntar ao grupo. Que instrumento é esse? A Internet.²

Essa sociabilidade é possível porque as informações e as formas de interação são compartilhadas entre todos, independente do lugar onde se encontram os indivíduos. Assim, por meio da grande disponibilidade de conteúdos e de símbolos, os indivíduos podem optar pelo que é mais interessante para os mesmos. Pode optar por uma nova identidade. Segundo Pierre Lévy, a identidade:

Pode basear-se em raízes, origens, na inclusão num conjunto geográfico, político, funcional (profissão...), numa característica biológica (idade, sexo, etc). Qualquer que seja, este tipo de identificação leva sempre a distinção pesada, global, terrível e mortífera entre “eles” e “nós” (LEVY, 1994, p. 199).

A formação de uma identidade intolerante é percebida em materiais neonazistas brasileiros, disponibilizados no ciberespaço: páginas da internet, canais de bate-papo, nos fóruns e, atualmente, no *Orkut*, uma comunidade virtual, criada em 22 de Janeiro de 2004 por Orkut Büyükkökten, com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos, também conhecida com uma “rede social” na Internet.

De acordo com pesquisas elaboradas por organizações que promovem os Direitos Humanos, o perfil dos indivíduos que atuam no neonazismo na internet é de jovens de classe média alta das regiões Sudeste e Sul. Esses jovens geralmente não conhecem a realidade social vivida pela sociedade brasileira. Omitem o fato de que o Brasil é um país com forte miscigenação de características indígenas, africanas e européias. Por isso, o discurso é falho, por que no Brasil não cabe a pureza pretendida pelo nazismo, e os jovens brasileiros simpatizantes do neonazismo não sabem lidar com esse fato. Mas, como na internet cada indivíduo tem espaço para debater sobre inúmeros assuntos, mesmo sem embasamento teórico e conhecimento sobre o assunto debatido, o neonazismo ganha destaque, ainda que superficialmente, sem aprofundamento das questões defendidas.

Como a propaganda nazista é proibida em outros meios de comunicação de massa, como a Televisão e o Rádio, a Internet funciona como um mural de divulgação dos discursos dos simpatizantes da ideologia. Isso porque como já foi dito, o ciberespaço é um

² BARENBEIN, Daniel Benjamin. **Do nacional socialismo de Goebbels ao neonazismo na internet.** Disponível em: < <http://www.varsovia.jor.br> >. Acesso em: 25 de mar. De 2006

novo campo de interação que não possui limites territoriais definidos ou tradicionais, nem um controle eficiente, ou qualquer regulamentação dos materiais e informações que circulam por meio dele.

Um exemplo de utilização do ciberespaço para fins neonazistas é divulgação feita pelo *site* intitulado *Valhalla 88*³ (título que remete à mitologia nórdica, onde Valhalla é o paraíso dos que morrem em combate; o número 88 significa as letras H de “Heil Hitler”), que disponibiliza materiais para o ativismo, como cartazes. Além disso, há outras partes do *site*, como a denominada “Formas de ação”, onde são explicadas formas de divulgação da propaganda nacional-socialista na sociedade. No tópico ativismo é explicitado o objetivo do material neonazista disponibilizado na internet: “a execução do ativismo político é simples, sendo necessário apenas que cada pessoa faça o *download* dos cartazes e panfletos disponíveis no *site*, imprima algumas cópias deste e distribua/cole em locais onde serão lidos pelo maior número de pessoas possíveis”. Sem a ajuda da internet, tais conteúdos e materiais de ativismo não teriam grande repercussão e alcance, já que estaria restrito aos integrantes do grupo que os produziram.

No *site Valhalla 88* é possível encontrar vídeos sobre a ação do grupo. Um deles, por exemplo, fala sobre uma ação racista em Santa Catarina. A chamada para o vídeo é: no norte catarinense, São Bento do Sul amanhece com mensagens racistas espalhadas pela cidade pela segunda vez. Além dos materiais para ativismo, são disponibilizadas músicas e notícias internacionais relativas ao neonazismo, livros (*e-books*), artigos revisionistas, entrevistas, entre outras coisas.

O conteúdo do *site* é contraditório, pois ao mesmo tempo que há em alguns (raras exceções) artigos uma certa tolerância no discurso relativo às “raças”, em outras partes do *site* a violência e a intolerância predominam. Um dos artigos, por exemplo, intitulado *Nacional-Socialismo ou White Power?*, o discurso é de aceitação das “raças”. É dito que “o primeiro passo para a maturidade do ativismo é livrarmo-nos dos preconceitos, do comodismo e da dificuldade em assumir nossos próprios erros”, e que “a luta Nacional-Socialista não é uma luta contra as outras raças de maneira nenhuma, mas sim uma luta contra a decadência da sua própria”. O artigo trata de uma revolução pessoal de conscientização, desprovida de preconceitos que, segundo o próprio texto, “são burros”. No entanto, nos demais artigos e nos materiais para o ativismo, o *site* apresenta o discurso totalitário de exclusão, violento na maioria das vezes.

³ www.valhalla88.com

O artigo intitulado *Um outro mundo é possível*, a intolerância é presente em vários trechos do texto: “sim, um outro mundo é possível. Um mundo sem a podridão descrita acima. Um mundo Nacional-Socialista”. A “podridão” descrita refere-se aos judeus e os comunistas.

No site há um fórum denominado *Voz de Odin* (na mitologia nórdica, Odin era o maior dos deuses vikings; e reunia os mortos em batalha em sua fortaleza Valhalla), no qual a contradição também é presente. Em inúmeras partes do *site* são encontradas palavras de intolerância em relação aos nordestinos. Mas no fórum é possível identificar que eles não conseguem elaborar um discurso consistente sobre tal inimigo. Um exemplo é a resposta, proferida pelo *site*, de uma pergunta elaborada por um indivíduo natural de Pernambuco, estado do nordeste brasileiro:

Estou desabafando minha revolta, quero saber a posição de vcs sobre o preconceito ao nordeste pois sou branco e ns mas sou de recife e moro em Natal, temos uma célula, e divulgamos muito os cartazes do valhalla, e quero saber o posicionamento de vocês!
Se puderem responder nós agradecemos!

Resposta: Agradecemos a divulgação do material, continuem com a mesma. Sua pergunta já foi respondida mais de uma vez nessa seção, estamos ignorando perguntas repetidas conforme enunciado no topo desta página, todavia, como você demonstrou cooperar com o site abriremos uma exceção, mas, por favor, da próxima vez PESQUISE AS RESPOSTAS ANTERIORES. O importante é a raça do indivíduo e não aonde ele nasceu ou vive, a nós pouco importa se você mora em Santa Catarina, Recife, Noruega ou Zâmbia, o único fator relevante é sua origem racial.

Na parte do *site* dedicada aos *cartoons* – exposição de desenhos de preconceituosos – o discurso é de extermínio e intolerância. Em um dos desenhos, por exemplo, é feita uma analogia entre judeus e negros, como ratos e baratas: “vamos encarar, um mundo sem judeus e negros seria um mundo sem ratos e baratas. Em outro desenho (ver em anexo) apresenta a violência como tema. Nele é retratado um homem branco espancado um negro, evocando a atitude que deve ser tomada em relação aos negros.

A autoria do material produzido pelo *Valhalla 88* é desconhecida, porque os produtores se apresentam com apelidos ou iniciais. Segundo o próprio *site*:

Nenhuma pessoa ou organização no Brasil ou América do Sul está autorizada a se pronunciar em nosso nome, ou fornecer qualquer tipo de informação a nosso respeito, ou ainda sobre a VALHALLA. Portanto, qualquer pessoa que venha dizer, seja pela Internet ou pessoalmente, que é nosso militante, ou possui ligações conosco, só pode ser uma pessoa melindrosa, sem caráter, que deve ser ignorada.

O *site Valhalla 88* já foi retirado da internet inúmeras vezes, depois de investigações promovidas pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias, da Câmara dos Deputados, em conjunto com a Polícia Federal e o Ministério Público. Por causa do sigilo que protege os usuários da rede, as únicas ações efetivas contra a proliferação de conteúdo neonazista foram dessa natureza. As páginas são retiradas da internet, mas não há punição para os que produziram o conteúdo dos *sites*, porque não há ainda uma legislação eficiente para combater crimes no ciberespaço. E os próprios produtores do *Valhalla 88* reconhecem essas falhas, no site:

Sempre há uma alternativa para a ação sem que seja necessário infringir as leis democráticas. O Sistema liberal é imperfeito e as licenças que eles criam, com alguma astúcia, podem ser utilizadas em nosso favor. Essas licenças são vias de mão dupla. Invocando os próprios preceitos democráticos (liberdade de expressão, especialmente) podemos propagar nosso Ideal e nos defender contra acusações.

Com a facilidade proporcionada pela internet e a rapidez em dispor grande quantidade de informação, o *site Valhalla 88* se reconstrói mesmo depois da retirada por parte das investigações:

Toda tentativa de nos derrubar será contra-atacada com mais vontade, de nossa parte, contra o inimigo hipócrita e covarde, que escondido em sua pele de cordeiro, teima em nos apresentar como os vilões da história, pedimos paciência neste momento de reconstrução do site. Hackers e demais inimigos, podem começar a chorar.

Além da construção de páginas dedicadas ao tema, outra forma de comunicação utilizada pelos neonazistas na internet é o *Orkut*. Por meio da nova ferramenta de comunicação, pessoas em inúmeros lugares conversam entre si, podem criar comunidades sobre diversos temas e se manifestam nelas sobre os mais variados assuntos, em tópicos de discussão, nos chamados fóruns. Tudo que é escrito fica disponível para todos os usuários integrantes do *Orkut*, ou seja, torna-se público. O Brasil é o país que abriga maior número de usuários da ferramenta: cerca de 70% dos participantes da rede de relacionamento. Entre as inúmeras comunidades de temas variados (em sua maioria, em português) existem as que incentivam o preconceito e recomendam práticas criminosas. Mas não há como punir ou conhecer a verdadeira identidade das pessoas que fazem parte dessas comunidades, porque elas usam, geralmente, pseudônimos.

Segundo representantes do *Google*, empresa responsável pelo *Orkut*, em Audiência Pública promovida pela Comissão de Direitos Humanos e Minorias, da Câmara dos Deputados, no começo de maio de 2006, o sigilo dos usuários é imprescindível: “buscamos fornecer um ambiente totalmente seguro para os nossos usuários, protegendo desta forma sua privacidade”. Na mesma ocasião alegaram que procuram agir no sentido de interromper os serviços ou acesso para aqueles que abusarem ou infligirem nossos padrões de conduta. Mas, diariamente, a rede de relacionamento *Orkut* ganha inúmeras comunidades que servem como espaço para reunião de adeptos do neonazismo.

O primeiro caso de punição por racismo no *Orkut* foi o caso de um estudante universitário de 18 anos, em julho de 2005. O jovem criou uma comunidade intitulada “Sou contra as Cotas para Pretos”. Na descrição da comunidade estava escrito: “porque o lugar deles é na floresta e não na faculdade. Volta pra África, bando de inútil! Essa comunidade é totalmente racista e neonazista!”. Além da criação da comunidade, o jovem manifestava-se em debates promovidos pelos fóruns de outras comunidades neonazistas. Em uma delas escreveu o seguinte julgamento em relação aos negros: “concordo em utilizar da violência porque esse bando de fdp só sossega no hospital e no túmulo”. Após quatro meses de investigação, a Polícia Civil e o Grupo de Atuação Especial de Combate ao Crime Organizado, descobriram a identidade do usuário. O caso ainda não foi julgado. Como o jovem possuía 17 anos quando escreveu e criou a comunidade, segundo a legislação brasileira, trata-se de um menor de idade e, nessa condição, a punição mais provável deve ser a aplicação de medidas sócio-educativas. Contudo, como a ação racista foi em um meio de comunicação de massa, a internet, e continuou explicitada depois de completada a maioridade, muitos promotores de justiça concordam que o jovem deve ser julgado como adulto pelos crimes que cometeu.

Casos de punição como esses são raros já que os usuários do *Orkut* criam, geralmente, perfis com nomes que remetem às expressões ou personalidades nazistas conhecidas historicamente. É o caso do jovem apelidado como Billy Witz. No seu perfil, existem alguns fotos particulares, mas não há dados pessoais que o identifiquem. Junto às suas fotos existem gravuras e símbolos nazistas, como a suástica. Em uma das fotos expostas no álbum do jovem, há a seguinte legenda⁴: “ainda iremos bombardear os nordestinos, aqueles imundos que vivem das nossas custas!!!!!!!!!!!! morte aos nordestinos.. (foto da 2ª guerra

⁴ O texto segue como o do perfil, sem alteração ou correção gramatical.

mundial em berlin)”. O *Orkut* excluiu o perfil do jovem por causa das inúmeras ofensas proferidas pelo jovem em outros perfis. Não houve punição mais severa.

Quando atuam nos debates promovidos pelas comunidades neonazistas, na maioria das vezes os neonazistas se identificam com a opção “anônimo”, disponível em todas as comunidades do Orkut. Embora a rede de relacionamentos possua uma política de uso e privacidade, o controle do conteúdo divulgado é insuficiente diante da incidência de várias ações ilícitas. Atualmente, não há ainda uma legislação brasileira que regulamente praticados na internet. Segundo Thiago Tavares Nunes de Oliveira, presidente da Safernet, uma organização não governamental de proteção dos Direitos Humanos na Internet, as maiores dificuldades são as de identificar autoria das práticas de racismo e a xenofobia e a apuração das provas contra os autores.

Quando identificados, os usuários podem ser tipificados pela Lei 7.716, de 1989, que proíbe discriminação de raça, cor, etnia, religião e procedência nacional e pune os infratores com pena de um a três anos de reclusão e multa. E a punição pode ser agravada para até cinco anos pelo fato do crime cometido ocorrer em um meio de comunicação social, a internet. Outra dificuldade está relacionada ao fato de que o Orkut faz parte de uma empresa com sede nos Estados Unidos, país onde a legislação local assegura a plena liberdade de expressão, menos restritiva que a assegurada pela legislação brasileira.

Independente da ferramenta que os grupos neonazistas utilizam, a atuação desses grupos ganha força com novos adeptos que tentam encontrar, nas idéias e símbolos nazistas, elementos para explicar as dificuldades vividas por eles no âmbito social. Constata-se, assim, que as novas tecnologias de comunicação têm criado espaços para a possibilidade de disseminação do nazismo. O discurso, permeado pelos símbolos do regime fascista alemão, revela intolerância e ignorância no ciberespaço. Notasse também, que sem embasamento e conhecimento dos fatos históricos sobre o regime nazista, os jovens tendem a naturalizar a raça, ao identificar a capacidade humana como meramente biológica, destituindo a cultura como determinante na formação de representações e ideologias da vida do homem em Sociedade.

CONCLUSÃO

Apesar de inúmeras ações para combater práticas racistas e de intolerância, constata-se a disseminação de ações semelhantes em um dos mais importantes meios de comunicação do século XXI, a Internet. E tais ações não se restringem aos países da Europa, continente com histórico de regimes totalitários que marcaram a história do século XX, como o Fascismo e o Nazismo.

Mais do que um meio de comunicação, a Internet torna-se um dos principais meios de conhecimento dos jovens. Infelizmente, o potencial de disseminação de conteúdos característico do ciberespaço vem sendo utilizado para crimes, como os de racismo e discriminação cometidos pelos neonazistas. Isso porque, antes de ser uma rede computadores, a Internet é uma rede de pessoas, uma forma de socialização. Ou seja, os mesmo indivíduos que atuam na sociedade estão também presentes no ciberespaço. Contudo, como na sociedade existem os desvios de conduta e conflitos sociais, é inevitável que tais fatos se transportam para a Internet. E o agravante é o fato dos jovens neonazistas se beneficiarem do anonimato para praticarem ações criminosas, dificilmente controladas pelo sistemas de regulamentação presentes no mundo inteiro. Por isso, atualmente ideologias xenófobas e neonazistas crescem ganham espaço na Internet, angariando membros que desconhecem a história dos regimes totalitários e a formação cultural do país em que nasceram, o Brasil.

Os jovens utilizam-se dos símbolos nazistas para justificarem atos intolerantes contra as minorias. Atribuem a culpa de fatos como o crescente desemprego nas cidades, da crise econômica e social, aos negros, nordestinos, homossexuais, entre outros inimigos identificados por eles. Esquecem das próprias origens, o que torna contraditório o discurso proferido por eles.

Além disso, por meio desses símbolos e de discursos pouco embasados, os jovens tendem a criar vínculos e, conseqüentemente, identidade. A identificação é parte de uma necessidade de auto-afirmação do indivíduo, de socialização e uma forma de proteção na Sociedade. E para buscarem tal identificação na sociedade, buscam uma estância maior: um grupo.

Atualmente, a Internet é o espaço para reunião dos membros de grupos neonazistas e um palco para ações de intolerância contra minorias. Por meio de pesquisas sobre os discursos neonazistas divulgados no meio de comunicação, foi possível identificar

que esses jovens encontram nos símbolos nazistas subsídios para atribuir sentido ao discurso intolerante neonazista.

Portanto, a partir do convívio no ciberespaço, os jovens se reúnem para incitar o ódio. Além de se munirem com os materiais neonazistas disponibilizados na Internet, os jovens encontram no ciberespaço a oportunidade de se reunirem para escolherem as melhores formas de utilizá-los na sociedade. A Internet é esse espaço de reunião para debate inconsistente sobre intolerância e sobre o que desconhecem: o nazismo. Isso porque, conhecem mais os símbolos e as propagandas simplistas de causa e feito, do que a própria ideologia e história do regime nazista. Há uma confusão de teorias e características presentes na nova ideologia. Os adeptos do neonazismo prendem-se apenas aos símbolos do regime nazista como base para identificação social. Assim como em outras tribos urbanas, a indumentária simbólica é a forma de reconhecimento e diferenciação entre eles e outros grupos sociais.

Por isso, é preciso conscientizar e informar os jovens sobre os fatos esquecidos do nazismo, e incentivar a criação de políticas públicas que se adaptem às novas possibilidades de comunicação das tecnológicas emergentes. Sabe-se que atualmente não existem mecanismos de regulamentação e controle eficientes que consigam atender às novas formas de atuação humana no ciberespaço (e os crimes que os atos criminosos que são gerados nesse novo contexto). A situação se agrava quando muitos jovens desinformados, sem conhecimentos consistentes, constroem, sem nenhuma restrição, discursos intolerantes, recriando um espaço de disseminação e divulgação de ideologias fascistas, mesmo que descontextualizadas de um processo político específico. Ou seja, re-significam os símbolos nazistas para criarem formas de identificação na Sociedade. E para se munirem de conteúdo e se apresentarem ao mundo, os jovens utilizam o ciberespaço como a ferramenta de reunião e de disseminação de intolerância do neonazismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Aluizio B. de. **Nazismo em Santa Catarina**. Florianópolis. Insular: 2000.

BARENBEIN, Daniel Benjamin. **Do nacional socialismo de Goebbels ao neonazismo na internet**. Disponível em: < <http://www.varsovia.jor.br>>. Acesso em: 25 de mar. De 2006

BATALHA, Wilson de S. Campos. **O Declínio dos Mitos e suas Origens**. São Paulo. LTr: 1995.

COSTA, Márcia Regina. **Os Carecas do subúrbio: caminhos de um nomadismo moderno**. Rio de Janeiro. Musa: 2000.

CHAUÍ. Marilena de Souza. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CHRISTENSON, Reo Millard. **Ideologias & política moderna**. São Paulo. Ibrasa:,1974

DIEHL, Paula. **Propaganda e persuasão na Alemanha nazista**. São Paulo, ANNABLUME: 1996.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais**. 3ª ed. Rio de Janeiro. Record: 1998.

HITLER, Adolf. **Minha Luta**. Disponível em: <<http://stumpils.no.sapo.pt/downloads/hitler.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 15ª ed. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor: 2000.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**. Volume 1: **Neurose**. Rio de Janeiro. Forense Universitária: 1997.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2ª edição. Rio de janeiro: Forense Universitária, 1998.

PINSK, Jaime e PINSK, Carla. **Faces do Fanatismo**. São Paulo. Contexto, 2004.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de Massas do Fascismo**. 3ª edição. São Paulo. Martins Fontes: 2001.

ROCHA, Everardo. **O que é mito**. 8ª reimpressão. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SALEM, Helena. **As Tribos do Mal: O Neonazismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo. Atual. 1995.

LÉVY, Pierre. **A inteligência Coletiva. Por uma antropologia do ciberespaço**. Lisboa. Ed. Instituto Piaget: 1994.

_____. **Cibercultura**. São Paulo. Editora 34, 2000.

_____ **O que é virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

À sombra da suática. *Isto É*. São Paulo, n. 1575, p.100, 6 dez. 1999

O peso do passado nazista. *Época*. São Paulo, n. 364, p.108, 9 maio 2005.

Intolerância sem ideologia. *Época*. São Paulo, n. 91, p.108, 14 fev. 2000.

ANEXOS

13 BRASIL



O MAIS IMPORTANTE É TER UMA LEI QUE OBRIGUE O PROVEDOR A ARMAZENAR INFORMAÇÕES DA CONEXÃO DO USUÁRIO POR PELO MENOS TRÊS ANOS. ESSE TIPO DE AÇÃO FACILITARIA AS INVESTIGAÇÕES

Sergio Fava, perito da Polizia Federale

VIOLÊNCIA VIRTUAL

Racismo contra garoto de 13 anos, no Orkut, provoca discussão sobre como punir quem comete esse tipo de crime na internet. Pedofilia e intolerância dirigida a negros e homossexuais estão entre os principais delitos

Território sem lei

WILLIAM F. FARRIS
DAVID H. FARRIS

A Internet no Brasil é privilégio de poucos, apenas 10% dos mais de 180 milhões de brasileiros têm acesso à rede mundial de computadores. Mas os crimes praticados no ciberespaço provocam estragos de proporções nacionais. Os mais temidos e que provocam maior estardalhaço são os golpes que em conta bancária comemoram porquinhos, os piratas virtuais. No entanto, os delitos mais comuns envolvem racismo, pedofilia, apologia das drogas, preconceito contra nordestinos, homofobia etc.

O caso mais recente ocorreu nas páginas do Odeio, a comunidade on-line mais acessada do momento. O espaço para mensagens (scraps) e do perfil do adolescente C.B.A. 13 anos foi alvo de mensagens racistas e de incitação à violência contra afrodescendentes. Somente em Brasília, há um processo à Polícia Federal (PF) acusando de 60 casos, metade deles relacionados a pornografia infantil. Raciismo é o segundo mais investigado. As agressões contra C.B.A. foram denunciadas há quase um mês e diversas organizações se mobilizaram em repúdio à atitude preconceituosa.

Na noite de 28 de janeiro a rede social, a referência é a lista Apartheid Brasil, protocolou uma representação no Ministério Público de São Paulo. Por meio da organização não-governamental (ONG) ABC São Luciano e da Frente em Defesa da Igualdade Racial da Assembleia Legislativa de São Paulo, a família do jovem negro responsável pelo crime foi acusada de ter cometido um atentado virtual ligado ao grupo conhecido como Anti-heróis do Orixá. Na declaração, racista, o grupo diz que agrediu mais de 50 famílias brancas do Orixá e afirma em link para o site do grupo com o seguinte: "Vigilância de comunidades raciais e neonazistas do Orixá, é retirada do ar e reconstrução a discussão sobre liberdade e controle da internet".

A democracia se espalhará na Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Sepir), da Presidência da República. A Sepir encantou a todos os ministros da Justiça, das Comunicações e da Ciência e Tecnologia. O diretor-geral da Política Federal, Paulo Lacerda, e o ministro Nilmar Miranda, da Secretaria Nacional de Direitos Humanos, também receberam a proposta.

Ano da leitura

Como todos os demais nacionalistas brasileiros, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva abriu o Ano Nacional da Democracia da Inauguração da Assembleia Nacional Constituinte previsto para o dia 14 de dezembro. O secretário-geral da Sepel, Douglas Monteiro, diz que o secretário trabalha para criar uma campanha contra o racismo e incitar os cidadãos do combate à pedofilia. Em vários sites da internet circulam mensagens de ódio racial, como "pedofilia é crime" e "vamos matar pedófilos", afirmando as pessoas a discriminar esse tipo de prática. O presidente da ONG ANIC, Encarnação, Douglas Vieira, acredita que ainda é uma tarefa difícil combater a luta contra várias consequências da violência sexual.



Long-Term Goals

Penas em discussão

A adoção de um sistema de controle mais rigoroso na internet é tema de cerca de 20 projetos de lei que tramitam no Congresso Nacional. A maioria das propostas enfoca o combate a crimes cometidos por meio do uso de novas tecnologias. E, também, a responsabilização pelos delitos. Alguns desses projetos tratam, especificamente, de casos de racismo, discriminação e preconceito.

Autos de uma das propostas, o senador Paulo Paim (PT/RS) defende a aprovação urgente das leis para combater o tráfico de drogas. "Por favor, de lei, no Brasil não se tem nenhuma opção do que deve ser feito em relação aos crimes cometidos na rede", afirma. No caso de metanfetaminas, Paim destaca a Lei 7.716/89, que estabelece tratamento igualitário entre todos os cidadãos, cobrindo distinções em função de raça, cor, sexo.

FIQUE DE OLHO

Veja quais sites os críticos mais conhecidos nos Internet e saiba como se conectar

Crimes mais comuns
 ● Pedofilia (pornografia infantil)

- ❖ Racismo (discriminação de raça ou etnia)
- ❖ Estabelecido (golpes e extorsão de dinheiro)
- ❖ Falsificação (de certidão de documentos)
- ❖ Abuso de drogas (apólia ou venda)
- ❖ Lavagem de dinheiro (evazão de dinheiro)

Como evitá-los

● Não passar dados confidenciais (senhas, CPF) ou foto em computadores que não sejam confiáveis. Em particular, aqueles de uso público.

- ❗ Não entrar em sites ou links (ou descejos eletrônicos) de conteúdo duvidoso
- ❗ Não copiar fotos ou enviar imagens de sites desconhecidos
- ❗ Atualizar o programa antivírus do computador e, periodicamente, fazer varredura na máquina para retirar possíveis softwares espíes (ou seja conteúdos como spywares) que tenham entrado por meio de navegação na Internet



CMK

A-12

12 • Brasília, sábado, 4 de junho de 2005 • Correio Braziliense

BRASIL

JUSTIÇA

STJ decide responsabilizar pai em Rondônia que não tinha assumido o filho, fruto de uma relação casual e fugaz, ocorrida em 1996, contrariando decisão anterior do TJ

'Ficar' é indício de paternidade

PAULO HENRIQUE PEREIRA
RIO DE JANEIRO

O termo de "ficar" — expressão usada pelos jovens para designar relações sexuais casuais e comprometidas — agora é considerado um indício de paternidade. A decisão foi tomada por unanimidade pela Terceira Turma do

Superior Tribunal de Justiça (STJ) ao julgar recurso de um recenseador que tentou impedir o registro de nascimento de Pedro Velloso (80), criança recém-nascida por seu pai.

O homem, filho de um fazendeiro advogado do estado, se negou a fazer o teste de DNA por medo de uma ação que se sujeitaria à interpretação de que ele é o pai. "Em ação investiga-

tória, não se usa um suposto pai a submeter ao teste de DNA, indício menor de paternidade", diz a Súmula 301 do STJ.

No processo analisado pelo STJ havia depoimento da mãe da criança no qual ela afirmava que se relacionou com o suposto pai em 1993. Isso não foi levado em conta pelo juiz estadual. De acordo com a decisão anterior, a alegação do

homem ignora o tempo que passou em Porto Velho na época da concepção do filho.

Os ministros do STJ, no entanto, discordaram da Justiça estadual e decidiram que o investigador oporá o termo, baseando-se no entendimento de que o simples "ficar" pode resultar em paternidade. "Basta a prova de relaciona-

mento casual para gerar o tempo todo, em contradição aos achados científicos, o tempo normal e os sinais físicos, que parte do simples "ficar" relaciona-se, e apenas um exame de sangue pode garantir a concepção, diz a corte. A decisão que opera entre o reconhecimento da paternidade e o reconhecimento da paternidade, segundo a ministra Nancy Andrighi em seu voto.

GRUPO DE EXTERRINHO

PEDIDA A PRISÃO DE SETE PESSOAS

O Ministério Público do Rio de Janeiro pediu a prisão de sete pessoas — um advogado e seis policiais — por participação de policiais militares. Fomos pedindo a prisão de sete pessoas — todos por homicídios duplamente qualificados. O processo está em segundo de Justiça. A participação de policiais no suposto grupo de extermínio e com a prestação legal de segurança começou a ser investigada pela Polícia Federal em 2002. O caso ganhou dimensão quando gravações feitas pela PF com autorização da Justiça, vazaram e começaram a ser veiculadas pela imprensa na semana passada. Sete policiais foram afastados dos cargos, entre eles uma delegada.

BARRAGENS

DESOCUPADA SEDE DO BID

As famílias do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) desocuparam ontem a sede do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Brasília depois de entrarem em um acordo com a empresa belga Tractebel Suez, responsável pela construção da barragem de Cana Brava, com Furnas e o grupo VEC (Votectim, Bradesco e Camargo Correa), responsáveis pela barragem de Serra da Mesa (GO). As negociações envolveram ainda o BID e o governo federal. Será criado um Fundo Social de Desenvolvimento Regional para reparação das famílias de Cana Brava, por meio do qual o BID, a Tractebel e o governo federal entrarão com dinheiro para pagar as indenizações.

EXPLOÇÃO

DOIS FERIDOS EM MINAS

Uma explosão em um posto de combustíveis assustou a população de Dinópolis, no centro-oeste de Minas Gerais, e deixou duas pessoas feridas. O acidente aconteceu por volta das 11h30, quando um caminhão transportava uma bomba para outra. De acordo com o Grupo de Bombeiros, a explosão pode ter ocorrido em meio do acúmulo de gases durante a transposição de combustível. Com o acidente, ainda a investigação.

Racismo no Orkut

Quatro pessoas foram identificadas e outras dez estão sendo investigadas por prática de racismo no Orkut, a comunidade virtual que reúne cerca de 6 milhões de pessoas. 63% das quais no Brasil. Além do estudante de Engenharia da Universidade Mackenzie, de 18 anos, que postou depoimento nesta quinta-feira, foram identificados um adolescente de 17 anos e dois adultos: um homem e uma mulher.

Segundo o promotor Christiano Jorge Santos, do Ministério Público do Estado de São Paulo, todos podem ser processados por incitar o racismo. Não são apenas as pessoas que mantêm páginas na Internet — em blogs ou no Orkut — com mensagens racistas que cometem o crime, mas também os que fazem comentários racistas na web, diz o promotor.

Foi a primeira vez que o Ministério Público identificou pessoas que praticam o crime de racismo na Internet no Brasil. As páginas racistas e neonazistas colocadas no Orkut começaram a ser investigadas em janeiro.

"Qualquer pessoa que se manifeste com cunho preconceituoso comete o crime de racismo. Estamos identificando pessoas adeptas da ideologia neonazista que estão no Orkut arregimentando adeptos. Eles conseguem com conversas banais, que à primeira vista podem parecer pláticas ou comentários inocentes e ingênuos, para, em seguida, defender a ideologia", afirma o promotor.

Panfletagem

Segundo Santos, as conversas começam com pláticas e terminam incitando panfletagem e, em seguida, ações. "Estamos rastreando quem são essas pessoas com ideologia mais radical. Orkut e Internet não são áreas de impunidade. As pessoas acham que num ambiente virtual podem falar o que querem e divulgar o que querem. Não é assim. Os pais também precisam saber o que anda acontecendo na Internet", afirma.

O estudante do Mackenzie tem 18 anos, mas criou a comunidade "Sou contra as cotas para pretos" quando tinha 17 anos. Por isso, o Ministério Público estuda a medida a ser tomada. Santos lembra, no entanto, que o grupo continua ativo depois de ele completar 18 anos, o que faz com que o crime tenha sido cometido

FEIRÃO SEM COM PARAÇÃO



Se você tirar os olhos da Louise, vai ver que nossas ofertas também impressionam.



Gol City 1.0 2p TOTALFLEX

com Cheque Bônus de **R\$ 1.140,00**

com taxa de **0,49% a.m.**



Polo Hatch 1.6 TOTALFLEX

R\$ 39.780,00

com AR-CONDICIONADO E DIREÇÃO HIDRÁULICA



Toda linha Fox 1.0 TOTALFLEX

com Cheque Bônus de **R\$ 600,00**



Venha conhecer o nosso novo sucesso de vendas VW.

RACISMO

A situação dos negros, estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros atingidos pela discriminação no país começa a ser discutida hoje no Rio de Janeiro

Preconceito nosso de cada dia

Normalmente, quando se fala em racismo, a primeira coisa que vem à cabeça é a discriminação baseada na cor da pele. Mas, no Brasil, o preconceito também se manifesta contra outros grupos, como estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, 15,3 milhões de brasileiros se declararam negros, o que representa 11,9% da população total. No entanto, a realidade é que a discriminação contra negros é muito mais ampla do que apenas a questão da cor da pele.

Racismo não é apenas uma questão de cor da pele. É uma forma de discriminação que se manifesta contra qualquer grupo que seja considerado "diferente". No Brasil, o preconceito também se manifesta contra estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, 15,3 milhões de brasileiros se declararam negros, o que representa 11,9% da população total. No entanto, a realidade é que a discriminação contra negros é muito mais ampla do que apenas a questão da cor da pele.



Manifestação em defesa dos direitos das pessoas com deficiência no Rio de Janeiro. Foto: Divulgação/União Nacional de Estudantes e Profissionais da Deficiência

Xenofobia é fenômeno mundial

A xenofobia é um fenômeno mundial que se manifesta contra qualquer grupo que seja considerado "diferente". No Brasil, o preconceito também se manifesta contra estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, 15,3 milhões de brasileiros se declararam negros, o que representa 11,9% da população total. No entanto, a realidade é que a discriminação contra negros é muito mais ampla do que apenas a questão da cor da pele.



Benedicta da Silva, autora do livro 'O negro predador: o negro do futuro'.

ENTREVISTA / BENEDITA DA SILVA

"O negro predador: o negro do futuro"

Benedita da Silva é uma escritora brasileira conhecida por seus livros que abordam questões raciais e sociais. Seu livro mais recente, "O negro predador: o negro do futuro", discute a situação dos negros no Brasil e a importância da luta por direitos.

AÇÃO INTERMITENTE NO BRASIL

A ação intermitente é uma forma de discriminação que se manifesta contra qualquer grupo que seja considerado "diferente". No Brasil, o preconceito também se manifesta contra estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros.

Mais uma vítima da cor

A discriminação baseada na cor da pele é uma das formas mais comuns de preconceito no Brasil. No entanto, a realidade é que a discriminação também se manifesta contra outros grupos, como estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2010, 15,3 milhões de brasileiros se declararam negros, o que representa 11,9% da população total. No entanto, a realidade é que a discriminação contra negros é muito mais ampla do que apenas a questão da cor da pele.

PONTO CRÍTICO / RACISMO

ANÁLISE DE ALGUNS ASPECTOS DO RACISMO NO BRASIL PARA CONTRIBUIR PARA A DEBATE

SIM

ALEXANDRE VIDAL PORTO
Autor de "O racismo no Brasil: uma história de violência e exclusão"

NO CAMINHO CERTO

A discriminação baseada na cor da pele é uma das formas mais comuns de preconceito no Brasil. No entanto, a realidade é que a discriminação também se manifesta contra outros grupos, como estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros.

NÃO

LUIS ANTÔNIO SOUZA
Autor de "O racismo no Brasil: uma história de violência e exclusão"

AINDA FALTA MUITO

A discriminação baseada na cor da pele é uma das formas mais comuns de preconceito no Brasil. No entanto, a realidade é que a discriminação também se manifesta contra outros grupos, como estrangeiros, índios, homossexuais, deficientes físicos e muitos outros.

QUER UMA FORÇA? PASSA NA CVP. SEM JUROS PARA TODA A LÍNEA FIAT. 330,00. 2481-9999

Conteúdo site VALHALLA88

OS JUDEUS SÃO DESTRUIDORES DE
NAÇÕES POR NATUREZA...
ELES TÊM VIOLADO NOSSA CULTURA,
POLUÍDO NOSSA ARTE,
E ESTÃO
DESTRUINDO
NOSSA
SOCIEDADE!



O MOMENTO PARA RESISTIR,
FOI ONTEM, O MOMENTO
PARA SE RECUPERAR É **AGORA!**

VALHALLA88.COM / RESIST.COM



Nunca se Esqueça,
HOMEM BRANCO...
o judeu sionista está
trabalhando dia
e noite para
DESTRUIR
VOCÊ



REAJA HOMEM BRANCO!
LIVRE-SE DO ENCANTO
DO
FEITICEIRO
JUDAICO!

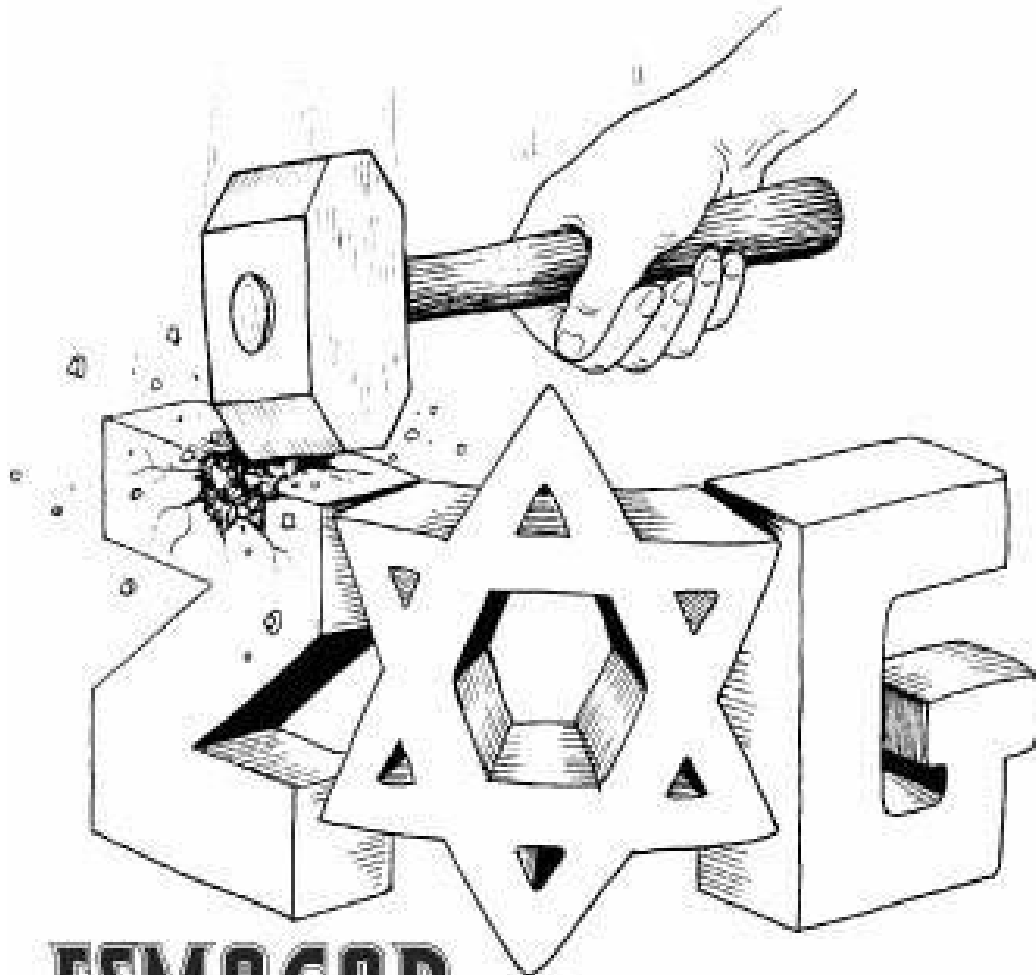


VALHALLA88.COM / RESIST.COM

SUA SOBREVIVÊNCIA ESTÁ EM JOGO!!



PELO BEM DE NOSSA SOBREVIVÊNCIA
USE TODA E QUALQUER OPORTUNIDADE
PARA



VALHALL488.COM/RESIST.COM

ESMAGAR O

"INIMIGO TRADICIONAL!"



VALHALLA88.COM - RESIST.COM

CONTINUE FORTE
E FIRME
HOMEM BRANÇO...
SEM VOCÊ
NÃO EXISTE FUTURO!



VALHALLASS.COM - RESIST.COM

ELES SÃO SUJOS,
ELES SÃO SORRATEIROS,
DINHEIRO E CONTROLE
É O QUE ELES
QUEREM...



...Acredite ou não homem branco
no longo prazo,
custa bem menos...



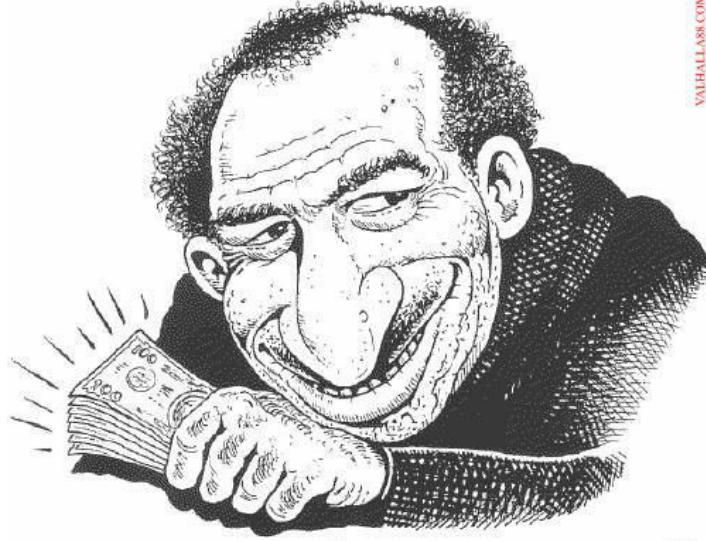
VALHALLA88.COM / RESIST.COM

tomar uma
atitude agora!

Mexa-se...

**Defenda seu modo
de vida... ou perca-o.**

...COM JUDEUS



... VOCÊ PERDE!

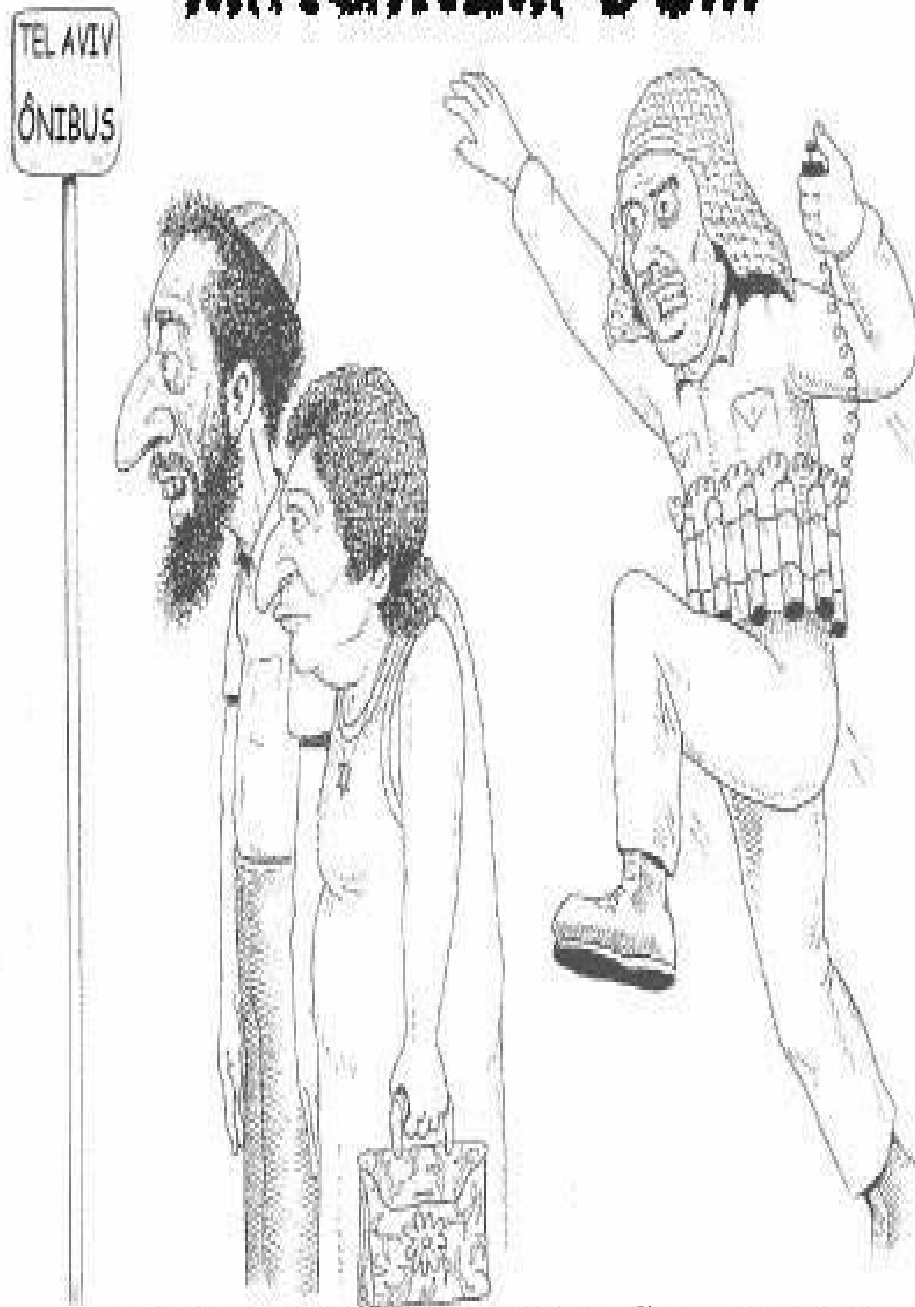
É ISSO QUE ACONTECE...

VALHALLA88.COM RESIST.COM



QUANDO SE CONFIA NUM **JUDEU!**

IMAGINEM SÓ...



OS JUDEUS SÃO UMA RAÇA TÃO REPULSIVA ...TÃO NEFASTA... TÃO DESPREZÍVEL QUE ALGUMAS PESSOAS ESTÃO DISPOSTAS A SE AUTODESTRUIREM APENAS PARA LIVRAR O PLANETA DE UM OU DOIS!!!!

VALHALLASS.COM RESIST.COM

VALHALLA88.COM
RESIST.COM



RESULTADOS DE VESTIBULAR

JOVEM BRANCO: 94% DE ACERTO - **REPROVADO**

JOVEM NEGRO: 28% DE ACERTO - **APROVADO**

VOCÊ ACHA ISSO JUSTO???

**DEFENDA-SE! O POVO BRANCO
TAMBÉM TEM DIREITOS!**

WWW.VALHALLA88.COM - PELO FUTURO DE NOSSAS CRIANÇAS

Leis do Lobo Solitário

por Tom Metzger



Qualquer um é capaz de ser um Lobo Solitário. Resistência é um estilo de vida, que realiza suas habilidades individuais. Sucesso e experiência virão com o tempo.

Sempre comece aos poucos. Muitas vitórias pequenas são melhores do que uma grande (que talvez seja o fim de sua carreira como um Lobo Solitário). Todos os detalhes contam para um Lobo Solitário.

Conhecimento é poder. Aprenda com seus erros e com os erros dos outros. Nunca se apresse ao fazer nada, tempo e planejamento são as chaves do sucesso. Nunca tente nada além de suas habilidades, uma falha pode levá-lo ao desastre.

Quanto menos um estranho souber, mais seguro e mais chances de sucesso você terá. Mantenha sua boca fechada e seus ouvidos abertos. Nunca confesse nada.

Comunique sua mensagem aos outros que tem as mesmas idéias que você. Comunicação irá aumentar o seu conhecimento. Além do mais, ter uma opinião ainda é legal (eu acho). Comunicação é uma coisa boa, mas mantenha suas atividades em segredo. Isso irá te proteger assim como aos outros como você. Quando alguém de algum grupo o provocar dizendo algo como "O QUE VOCÊ TEM FEITO COMO LOBO SOLITÁRIO?" simplesmente diga "isso seria contar". DUHHHHHH!!

Lembre-se, até as menores coisas farão diferença. Você verá que o que você fez está causando impacto. Se você nunca for pego, você será melhor que um exército.

Os outros irão informar suas atividades, mas nunca tente receber nenhum crédito por elas, seu sucesso será todo o reconhecimento que você merece.

Nunca deixe nenhum registro de suas atividades que possam te conectar à mesma. Tenha em mente que repetir as atividades na mesma área irá levantar atenção para a área e possivelmente a você. Quanto mais você mudar suas táticas, mais efetivas elas serão. O caos nunca é premeditado.

Tenha dinheiro por precaução em um lugar seguro (fora da sua área local e não na sua área de atividade), e uma nova identidade no caso de algo inesperado der errado.

Apenas você saberá seus limites. Nunca pronuncie mais do que 6 palavras para os agentes ou representantes sionistas: "Eu não tenho nada a declarar". Não há exceção. Qualquer um que falar deve ser expulso do movimento para sempre. Confissões podem acabar em penas muito mais severas. Nunca fale com o Grande Júri, mesmo quando se deparar com o desprezo da corte. Sem exceções.

Nunca se torne membro de nenhum grupo a não ser que este não interfira nas suas operações como Lobo Solitário. Apóie alguns ativistas e publicações. Você poderá viver sem carteirinha de membro.

Sem encontros (isso inclui marchas, passeatas) que não possam ser realizados através de outros modos de comunicação (correio, e-mail, internet, telefone, etc.).

Existir e lutar como Lobo Solitário exige um grande esforço.

Eu nunca disse que não haverá uma hora quando pequenas células e Lobos Solitários se envolverão em uma alta estrutura, uma grande organização com grandes líderes. Mas essa hora não é agora e não será por um provável futuro. Nenhum líder atual, incluindo eu, irá liderar essa fase. Nós estamos apenas preparando o caminho.

Espero que o que nós dissermos e fizermos faça uma futura vitória possível. Lembre-se, aqueles que vieram antes de você estão contando com você, aqueles que virão depois de você dependem de você. Pense como Branco, aja como Branco, seja Branco!

Traduzido e distribuído pela Ação Nacional-Socialista e pelo Projeto Valhalla88

Informativo #02 - Agosto de 2005

Faça cópias, divulgue, trabalhe!

<http://www.valhalla88.com>

Sieg Heil!



O que é Nacional-Socialismo

Por David Myatt

Nacional-Socialismo é um modo de vida que afirma que o propósito da vida é contribuir com a evolução de um modo positivo. Nós contribuimos com a Natureza quando cumprimos nosso Dever com nosso povo, desde que nosso povo (nossa raça e cultura) seja nossa conexão com a Natureza: como a Natureza se manifesta sobre nós como

seres humanos.

Esse Dever que nós temos vem antes do nosso prazer pessoal, nossos desejos pessoais e até antes de nossa felicidade, e esse é o Dever que expressa nossa humanidade. Isto é, quando nós cumprimos o nosso Dever nós estamos agindo de maneira humana. Quando, por qualquer razão, nós não cumprimos esse Dever é pela pior maneira ou nós não estamos usando aquelas qualidades que nos fazem humanos, ou pior, que estamos nos revertendo a animais falantes que andam eretos.

Para cumprir esse Dever precisamos usar nossa vontade; isto é, sermos ou trabalharmos para nos tornarmos auto-disciplinados. Isto é, nós trabalhamos para mudarmos nossa vida, nosso comportamento, porque nós compreendemos que nossa vida é muito mais que nosso próprio prazer, nossos próprios desejos, nosso próprio conforto, segurança e felicidade. Nós compreendemos isso quando aceitamos que nós, como indivíduos, somos um nexus: uma conexão viva entre nossos ancestrais, como sua herança e cultura e um futuro melhor que pode ser criado por nós agindo de acordo com as leis, os princípios, da Natureza.

A mais fundamental lei da Natureza é que nós, como seres humanos, dependemos da Natureza; isto é, que nós somos partes do ser vivo e envolvente que é a Natureza. Nossa vida é uma expressão desse ser, e o que nós fazemos, ou não fazemos, afeta a Natureza, por bem ou por mal.

Para entender nossa dependência da Natureza - e a dependência da Natureza sobre nós - é respeitar a Natureza, e suas criações, os seres vivos.

Na relação à nossa própria espécie humana (que são os seres humanos dependentes da Natureza), esse respeito pela Natureza é manifestado quando nós agimos com Honra com outros seres humanos, porque Honra é o entendimento da Natureza e seu próprio propósito manifestado: a consciência. Nossa consciência - nossa habilidade de raciocinar, de conter nós mesmos, de usarmos nossa vontade - é a marca de nossa humanidade.

O ato desonrado com outro ser humano é cometer traição: ser insolente (mostrando falta de respeito) com a Natureza. Comportamento desonrado é a negação de nossa humanidade.

Cultura, Povo e Raça

O Nacional-Socialismo expressa a verdade natural que o ser humano que é a Natureza trabalha para produzir diversidade e diferença: que a evolução da Natureza é trazer ao ser mais diversidade e mais diferença.

Para nossa própria espécie humana, essa diversidade da Natureza é evidente em diferentes raças que existem, e nas diferentes culturas que essas raças desenvolvem com o tempo.

O Nacional-Socialismo valoriza essa diversidade e diferença, e condiciona que nós deveríamos não somente trabalhar para manter e ajudar essa diversidade, mas também encorajar as pessoas e culturas a expressar essas diversidades e diferenças para continuar a desenvolver e envolver, através do desenvolvimento e envolvimento raça e cultura nós estamos ajudando a natureza a cumprir nosso potencial, como seres humanos (Nota: a diversidade da qual Myatt se refere é a diversidade presente na Natureza, não uma sociedade multicultural).

O entendimento correto, cultura é a combinação de: (1) costumes únicos, perspectiva, tradições, realizações de um povo particular: uma comunidade, um grupo, pessoas ou sociedade, e (2) ter um modo de vida civilizado - maneiras, razões, honestidade, Honra e excelência. Cultura é essencialmente uma expressão de nossa humanidade - do que nos faz humanos, e nos diferencia de animais. Uma pessoa culta, uma pessoa que é civilizada, e que tem um senso de identidade - que pertence à uma cultura particular e que vive o modo de vida dessa cultura.

Uma cultura está manifestada em um uma comunidade, numa pátria onde o povo mora e onde o povo tem ou sente um vínculo especial. O Nacional-Socialismo acredita que isso é natural e necessário para indivíduos terem um senso real de pertencerem à um lugar e de uma identidade; de ter raízes em uma terra particular que eles valorizem e respeitem como casa de seus ancestrais e de sua própria cultura.

O Nacional-Socialismo é uma cultura ariana.

Traduzido e distribuído pela Ação Nacional-Socialista

Informativo #01 - Agosto de 2005

Faça cópias, divulgue, trabalhe!

<http://www.valhalla88.com>

Sieg Heil!